



UnB

INSTITUTO DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS

**O relato epistolar de transformação e liberdade da mulher negra em
A Cor Púrpura de Alice Walker**

Autora: Anna Clara do Nascimento Meneses

Orientadora: Michelle Andressa de Alvarenga Souza

Brasília

2023

Anna Clara do Nascimento Meneses

**O relato epistolar de transformação e liberdade da mulher negra em
A Cor Púrpura de Alice Walker**

Monografia apresentada ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília como requisito parcial à obtenção do grau de bacharel em Língua Inglesa e Respectiva Literatura.

Banca examinadora

Orientadora: Michelle Andressa Alvarenga de Souza

Examinador: Fábio Ramos da Paz

Examinador: Victor Augusto da Cruz Pacheco

Brasília, 15 de fevereiro de 2023.

A todas que vieram antes de mim, por me permitirem estar aqui e ser eu.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as professoras e mulheres pretas que passaram na minha vida, vocês me marcaram e me transformaram, por simplesmente existirem em suas plenitudes, com suas dores, mas também se louvando e ajudando outras como eu a se aceitarem e crescerem. Agradeço a Tia Ivanise, por ter sido minha primeira professora preta e ter me marcado com carinho e representação, sempre lembro da primeira vez que olhei para os seus cabelos e queria que os meus fossem tão grandes e lindos como os seus. À Lucélia Freire, um furacão de pessoa e energia, quem considero minha mãe do teatro e que sabe conduzir processos de auto aceitação e crescimento pessoal como poucos, agradeço pelas cenas feitas em vários espetáculos sobre nós pretos e pretas, por ser essa força que liberta e nos dá palco para usar nossa voz. Agradeço também a Mayana Louvain, que junto de Lucélia é uma força e voz de mulher preta que admiro imensamente. Agradeço a Thais Uessugui por entender e ver em mim marcas que eu nem percebia que ainda tinha e pelos constantes desbloqueios. Agradeço também à professora Norma Diana, que muito me ensinou nas conversas das aulas.

Agradeço à UnB, por me dar esse espaço e possibilidade de falar de algo que grita tanto na minha realidade, e também por abrir as portas a tantos de nós. Ver os corredores com tantos cachos, crespos, blacks e tranças sempre estará marcado na minha memória.

Agradeço aos meus professores da UnB, por terem trazido esses assuntos e conduzido aulas sobre literatura e história estadunidense de maneira tão enriquecedora.

À minha orientadora Michelle Alvarenga, por me apresentar os termos aqui trabalhados e que mudaram completamente minha vida, me fazendo entender muita coisa da minha história. Agradeço imensamente pela orientação nessa monografia e principalmente pelas recomendações de textos e vídeos, que completaram mais do que minha monografia, foram de extrema importância para o meu ser.

Agradeço especialmente ao Felipe, que muito divulgava essa história (o musical e o livro). Seu olhar quando disse que era seu livro favorito e que era uma história pesada, mas linda e esperançosa me fizeram acreditar e mergulhar nessa.

A todos e todas que vi na televisão ou outras mídias, representatividade importa e ver mais pretos tomando lugar sempre me emocionará.

Agradeço Alec Costa (@umbookaholic), que foi definitivamente uma das pessoas ativamente responsáveis pela minha imersão em literatura escrita por pretos e em falar sobre o assunto mesmo em meio às muitas dores que os últimos anos trouxeram.

Agradeço à minha mãe Maria Lindete, pelo incentivo a literatura desde cedo, que fez cultivar em mim esse amor e me trouxe até aqui. Te amo imensamente.

Às minhas primas e amigos que me apoiaram nos vários momentos loucos desse processo de escrita. E aos que esqueci, foi só a memória, mas meu coração agradece.

“But most of all,
I’m thankful for loving who I really am.

I’m beautiful.

Yes, I’m beautiful.

And I’m here.”

(“I’m here”, *The Color Purple The Musical*)

RESUMO

Esta monografia procura mostrar as implicações históricas dos movimentos sociais e libertários dos Estados Unidos na produção artística literária afro-americana do século XX, especialmente a voz feminina. A obra selecionada para análise é *A Cor Púrpura*, de Alice Walker, que sintetiza as violências de gênero e raciais vividas pela mulher preta, que por muito tempo foi silenciada e invisibilizada. Através da intimidade da narrativa epistolar do livro, é possível perceber as violências que se propagam silenciosamente, herdadas de uma sociedade racista e sexista. Usaremos os conceitos de interseccionalidade e violência simbólica para apontar a realidade das personagens da história e mostrar o poder de transformação através do reconhecimento desses assuntos. Percebemos a importância da voz dada pelas autoras dessa onda de produção literária à liberdade da mulher preta e à luta por seus direitos de existir em uma realidade melhor que a englobe.

Palavras-chave: Escrita epistolar; Interseccionalidade; Violência simbólica; *A Cor Púrpura*.

ABSTRACT

This monograph seeks to demonstrate the historical implications of the social and liberation movements of the United States in the African-American literary artistic production of the twentieth century, focusing on the female voice. The work selected for analysis is Alice Walker's *The Purple Color*, which sums up the gender and racial violence experienced by black women, who have long been silenced and invisible to society. Through the intimacy of the book's epistolary narrative, it is possible to perceive the violence spread silently, inherited from a racist and sexist society. We will use the concepts of intersectionality and symbolic violence to point out the reality of the characters in the story and show the power of transformation through the recognition of these subjects. It is observed the importance of the voice given by the authors of this wave of literary production to the freedom of black women and to the fight for their rights to exist in a reality where they are a part of.

Key-words: Epistolary writing; Intersectionality; Symbolic violence; The Color Purple.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	9
1 AS RAÍZES DA ONDA DE PRODUÇÃO ARTÍSTICA AFRO-AMERICANA.....	12
1.1 Da escravidão à abolição	12
1.2 Século XX e os movimentos artísticos e sociais	15
1.3 Mulheres no ativismo	21
2 TEORIAS LITERÁRIA E SOCIAIS.....	24
2.1 Romance epistolar.....	24
2.2 Interseccionalidade	27
2.3 Violência simbólica.....	30
3 ANÁLISE DE <i>A COR PÚRPURA</i>	35
3.1 Resumo da obra	35
3.2 Aspectos históricos na obra.....	41
3.3 O destinatário Deus.....	44
3.4 Os papéis de gênero.....	48
3.5 Violências.....	50
3.6 Racismo	52
3.7 Sexualidade.....	54
3.8 A jornada de liberdade de Celie	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
REFERÊNCIAS	63

INTRODUÇÃO

Os preconceitos e suas violências estão em diversas áreas da nossa sociedade, por isso, é comum vê-los nas produções artísticas e expressões humanas. A literatura, sendo uma delas, é uma poderosa arma social de transformação e identificação por poder carregar realidades ocultas aos olhos do macro social e através dela jogar sementes de mudanças sociais.

As questões raciais e de gênero, quando falamos da realidade da mulher negra, pesam no fator de representatividade por terem sido, historicamente, invisibilizadas. Quando uma mulher preta decide usar sua voz, ela também está dando voz a várias outras, abrindo caminhos para o reconhecimento de outras realidades. Por isso, quando se tem um movimento de vozes negras femininas, é trazido à tona questões antes apagadas no interlaço da parte racial somada à parte do gênero. Como por exemplo, as diversas violências por elas sofridas e até normalizadas ou os parâmetros de beleza que não a encaixam de forma alguma. Quando autoras como Toni Morrison, Audre Lorde e Alice Walker falam, elas mostram como ser negro nos EUA é difícil, mas se você é mulher e preta é ainda mais difícil. Elas contam em seus livros histórias de sobreviventes a essas realidades, que sofrem a violência dos símbolos sociais, que não te atacam fisicamente, mas moral e psicologicamente, além das violências físicas e sexuais. Podemos ver todos esses fatores refletidos nas obras dessas mulheres negras, que ao abordarem isso, trazem à tona suas questões e a de tantas outras, como se trazendo à verdade algo que não era falado antes e por muitos não era sabido.

Os romances escritos por essas mulheres negras fazem parte de uma onda de produção afro-americana feminina que não tem medo de mostrar essa realidade, e dão protagonismo à mulher preta. Por mais que seja um protagonismo de violência e dolorido, um lugar onde não queremos estar, são histórias que são necessárias de serem contadas, pois se não se fala sobre um problema não tem como resolvê-lo. O foco desse trabalho vai ser então como isso foi extremamente importante, porque eram denúncias que abrem os olhos da sociedade para esse problema que era cotidiano e não se falava disso, era ignorado.

Havia então uma tendência na literatura afro-americana escrita por mulheres nas décadas de 1970-1980 de narrativas em primeira pessoa porque justamente dão

lugar de fala para essas mulheres ficcionais, de abrirem seu coração para situações reais que aconteciam. Com Alice Walker não foi diferente, e em *A Cor Púrpura*, acompanhamos a história de Celie, que escreve cartas para Deus sobre sua vida e é através dessas cartas que vemos as violências e a trajetória de uma mulher negra oprimida de inúmeras formas até a conquista de sua liberdade. A história se passa na Geórgia, sul dos Estados Unidos, e traz consigo vários elementos a serem explorados nesse trabalho.

Celie aos 14 anos é constantemente abusada e estuprada pelo homem que ela chama de pai. Desses abusos nasceram duas crianças, que são levadas embora por ele, que deixa Celie sem saber de seus destinos. Acompanhamos a inocência de uma menina que sequer entende o que está acontecendo com ela, ao mesmo tempo que quer proteger sua irmã mais nova, Nettie, de sofrer o mesmo. Celie é dada em casamento e vai, ainda nova, cuidar das crianças de seu novo marido, enquanto sua irmã foge e perde o contato com ela. Celie foi afastada da pessoa mais importante de sua vida, sua irmã, e fica décadas crendo que ela estava morta. Até que ela descobre que seu marido escondia as cartas dela, e assim passamos a ter uma troca de cartas entre as irmãs, onde uma escreve para a outra, apesar de as cartas não funcionarem como as correspondências deveriam, pois Celie as recebe anos depois e Nettie nunca recebe as da irmã.

Vemos nessa história a relação de amor entre as duas irmãs, que é o único sentimento que Celie cultiva, e através das décadas, ela vai conhecendo e dialogando com outras mulheres que acabam impactando muito a vida uma da outra, e as relações e crescimentos das personagens escritas por Alice Walker são incríveis de se ler.

Durante o livro todo os personagens constantemente falam e reforçam ideias racistas e misóginas. Vemos o destrato dos personagens masculinos com Celie, que não é vista como gente, homens esses que Celie nem nomeia em suas cartas, e vemos também o silenciamento da personagem. E é através dessas cartas a Deus que podemos observar um reflexo da sociedade da época. Mas apesar da história extremamente sofrida e pesada, a escrita da autora deixa o romance leve de acompanhar e nos deixa esperançosos e felizes com o despertar que a personagem tem para com ela mesma e com as pessoas ao seu redor. *A Cor Púrpura* é uma linda e sofrida história de uma personagem fictícia que carrega traços de histórias e

realidades de mulheres que existiram e ainda existem por aí, e que puderam tomar voz e forma por causa de escritoras como Alice Walker.

Neste trabalho iremos discutir os detalhes históricos nos Estados Unidos desde sua formação escravocrata e a liberdade dos negros, passando pelos principais momentos históricos de lutas sociais e movimentos artísticos, que reverberam até hoje na sociedade. Iremos ver como esse contexto teve suas implicações nas obras literárias de escritores negros e também onde as mulheres pretas se encaixam na história, trazendo sua contribuição através da sua visão que por muito tempo, e que ainda se luta até hoje, não teve destaque.

Além disso, iremos abordar três conceitos teóricos que trespagam a obra do começo ao fim, se entrelaçando e somando, tornando difícil a tarefa de se falar de um sem abordar o outro. São eles: o conceito de romance epistolar e sua intimidade reveladora para a percepção da realidade invisibilizada da mulher preta; a interseccionalidade, onde a mulher preta se encaixa nos parâmetros da sociedade, sendo um conceito que aborda as diferentes camadas e categorias sociais que se somam na percepção do indivíduo na sociedade; e, por fim, a violência simbólica, conceito que aponta os comportamentos internalizados da sociedade que exercem opressão sobre aqueles que não estão nos parâmetros de acordo com o grupo dominante, que anula as diferentes vivências e existências sociais.

Todos esses conceitos aparecem na obra de Alice Walker, a qual analisaremos profunda e detalhadamente para compreender a realidade de uma mulher preta nos EUA na primeira metade do século XX. Além do movimento de luta contra todas as violências sofridas que ela tem que realizar em busca da própria liberdade para existir em sua realidade de maneira plena e vivendo sua vida. E veremos também como esse processo não é benéfico apenas para ela, mas para todos que a cercam e para a evolução da sociedade como um todo.

1 AS RAÍZES DA ONDA DE PRODUÇÃO ARTÍSTICA AFRO-AMERICANA

Os Estados Unidos da América são um país com fundações e ideais de liberdade muito fortes desde seu começo. Porém é possível ver ao longo de toda sua história uma divisão clara entre quem podia de fato usufruir de suas leis e liberdade, e os que ficavam à margem dela. A população afro-americana sempre foi um dos grupos mais nitidamente à parte disso e que sofre desde os princípios da história do país com a segregação e o preconceito, tendo que lutar até os dias de hoje pelo direito de pertencer em seu próprio país.

1.1 Da escravidão à abolição

Logo no começo da história dos EUA, não muito depois dos primeiros europeus chegarem naquela parte do continente, já trouxeram também os primeiros escravizados, ainda no século XVII. O tráfico e comércio assim cresceram à medida que chegavam mais europeus e a então colônia britânica crescia. E foi assim até a Revolução Americana (1765 - 1783) na qual as 13 colônias lutaram pela independência da coroa britânica. Em 1776, foi oficializada a Declaração da Independência redigida por Thomas Jefferson, na qual atestava por escrito as esperanças e fundações do país que nascia e ali era mais uma vez reforçado o sonho americano.

Consideramos estas verdades como autoevidentes, que todos os homens são criados iguais, que são dotados pelo seu Criador de certos Direitos inalienáveis, que entre eles estão a vida, a liberdade e a busca da felicidade.¹ (JEFFERSON, 1776, s/p., tradução nossa).

Mas para quem era esse sonho americano? Essa ideia de igualdade, liberdade e busca da felicidade? Sabemos bem que ao escreverem isso, os fundadores da nação não queriam dizer realmente todo homem, quanto mais todo ser humano. Quem eram esses homens logrados na declaração e mais tarde na constituição? Porque nitidamente não eram os negros. Os EUA que tanto lutaram por liberdade e que tanto falavam dela na declaração, usando sempre como

¹ No original: *"We hold these truths to be self-evident, that all men are created equal, that they are endowed by their Creator with certain unalienable Rights, that among these are Life, Liberty and the pursuit of Happiness."*

contraponto à escravidão que eles recusavam ter da até então colonizadora Inglaterra, estavam fazendo exatamente isso no próprio território com os afro-americanos.

Os anos seguiram e nas colônias, agora divididas entre o Norte industrial e o Sul agrário, o clima de tensão crescia por terem visões e ideais diferentes. Essas divisões culminaram na Guerra de Secessão (1861 - 1865) na qual o Norte queria a união e alguns estados do Sul, inicialmente Alabama, Carolina do Sul, Flórida, Geórgia, Louisiana, Mississippi e Texas, visavam se separar. O Norte dos EUA (União) era visto como um lugar mais progressivo e liberal enquanto o Sul (Estados Confederados), dominado por fazendas, ainda usava muito da mão de obra escravizada e não queria abrir mão disso. O vice-presidente dos Estados Confederados, Alexander H. Stephens, disse no famoso discurso de Cornerstone em 1861:

Nosso novo governo é fundado exatamente na ideia oposta; seus alicerces são estabelecidos, seus pilares repousam, na grande verdade de que o negro não é igual ao homem branco; que a escravidão - subordinação à raça superior - é sua condição natural e normal. Este, nosso novo governo, é o primeiro, na história do mundo, baseado nessa grande verdade moral física e filosófica.² (STEPHENS, 1861, s/p, tradução nossa).

Stephens verbalizou o pensamento dominante de desigualdade e inferioridade do afro-americano para com os brancos. Essa era uma das principais diferenças entre a União e os Estados Confederados, mas não era, inicialmente, um dos motivos da guerra. Porém, acabou se tornando um dos principais pontos e uma das maiores consequências e resultados dela, sendo declarada a abolição da escravidão após o fim da guerra.

Ainda em 1808, foi proibida por Thomas Jefferson a importação de escravizados, mas sabemos que o tráfico ilegal continuou e o comércio interno não era proibido, até mesmo o próprio Jefferson ainda tinha centenas de escravizados. Anos à frente, em 1863, o então presidente Abraham Lincoln assinou o *Ato de Emancipação* no Distrito de Columbia, que logo foi adotado por outros estados do Norte também, o que incentivou muitos escravizados a fugir do Sul e buscar a

² No original: “Our new government is founded upon exactly the opposite idea; its foundations are laid, its corner-stone rests, upon the great truth that the negro is not equal to the white man; that slavery—subordination to the superior race—is his natural and normal condition. This, our new government, is the first, in the history of the world, based upon this great physical, philosophical, and moral truth.”

liberdade no Norte. Mas foi apenas dois anos depois que com a 13ª emenda a escravidão foi oficialmente abolida em dezembro de 1865.

Dentre os escravizados que fugiram para o Norte, podemos destacar Frederick Douglass, Harriet Tubman e também Harriet Jacobs, que não só conseguiram sua liberdade ao fugir, mas ajudaram efetivamente na libertação de outros escravizados. Tubman foi ativista e estava na linha de frente por essa liberdade e por direitos até o fim de sua vida em 1913, quando lutava pelo sufrágio feminino. Jacobs escreveu uma autobiografia sobre seu tempo enquanto mulher escravizada, sendo uma das primeiras a fazê-lo, denunciando essa realidade. Já Douglass não só virou a maior voz dos negros pelo abolicionismo e direitos humanos, escrevendo vários livros e dando palestras pela causa no país, sendo considerado o pai do movimento pelos direitos civis, como também defendia a participação e a importância das mulheres nessa causa, sendo visto como “o homem dos direitos das mulheres” com orgulho (DAVIS, 2016, p. 43) além de ser também um símbolo em prol da educação como arma de liberdade.

A abolição, entretanto, não trouxe dignidade ou igualdade de qualquer tipo para os ex-escravizados. Sem nenhum tipo de indenização ou iniciativa efetiva do governo de integralização deles na sociedade, muitos acabaram continuando nas fazendas que trabalhavam por não conseguirem formas de ascensão social, e como a emenda permitia o trabalho escravo como punição para crimes, usava-se esse recurso para continuar a humilhação à população recém-liberta, com punição por furtos, vadiagem ou qualquer outra desculpa.

A verdade era que seja na declaração, seja na constituição ou em qualquer outro documento assinado naquela época sobre a nação, os negros nunca eram vistos como parte da população ou como pessoas, então nada se aplicava a eles. Com isso, em um país onde grande parte tinha sido contrária à abolição e com o pensamento ainda extremamente moldado na ideia de inferioridade racial dos negros, o racismo marginalizava pessoas pretas e literalmente as separava do resto da sociedade branca. Não demorou muito para novas leis serem feitas para legitimar esse racismo, como as *Black Codes* e as leis do Jim Crow, um personagem criado como piada que virou um grande símbolo do racismo, especialmente no Sul. Essas leis legitimaram a humilhação e a separação do negro estadunidense além de

reafirmar a visão de supremacia branca, que era reforçada com grupos de ódio como a *Ku Klux Klan*.

1.2 Século XX e os movimentos artísticos e sociais

O século XX foi um século definitivo para os EUA serem como conhecemos hoje. Além das grandes guerras mundiais, a grande depressão e seus reflexos no país, foi durante esse período que houve a ascensão de grandes movimentos sociais negros, e para começarmos a entendê-los, precisamos falar da Grande Migração.

A Grande Migração foi o maior movimento migratório interno dos EUA, e ocorreu de 1910 a 1970, onde cerca de seis milhões de negros estadunidenses migraram, principalmente para o norte, mas também para algumas cidades do oeste, em busca de melhores condições de vida do que o Sul rural e violento oferecia. Essa migração teve dois momentos: o primeiro tendo um forte movimento até a década de 1940 e o segundo pico a partir da Segunda Guerra Mundial (Crash Course, 2021).

As guerras lutadas na Europa trouxeram maior oportunidade de trabalhos nas fábricas do Norte, que estavam com pouca mão de obra, e trabalhos domésticos para as mulheres, ainda que para elas fosse mais difícil. Com isso, os jovens do Sul foram atrás desses empregos, fugindo das situações de trabalho deploráveis e sem perspectivas prósperas que se tinha no Sul, além da segregação com as leis Jim Crow. Os jornais como o *Chicago Defender* tiveram grande importância nessa migração, pois eles anunciavam essa promessa de vida melhor, com oportunidades de empregos e pagamentos estampadas em suas páginas. Essa onda levou milhares às cidades de Nova York, Detroit, Chicago, dentre outras, e trouxe uma mudança no mapa demográfico do país, onde até 1910 cerca de 90% da população negra vivia no sul e na década de 1970 essa população era pouco mais de 50%.

Apesar das expectativas prósperas, a ida era dura. Além de deixar para trás tudo o que se conhecia, muitas vezes até mesmo sua própria família, muitas cidades desse Sul segregacionista tentavam impedir essa mudança à força já nos trens de destino aos estados mais ao norte. E ao chegar ao Norte, apesar de não haver leis como as Jim Crow, o racismo também existia e começou a surgir, por exemplo, a limitação de locais de moradia para eles, o que criou os bairros e guetos negros. A

população negra era impedida de comprar casas em certos lugares, e esses lugares que os permitiam muitas vezes eram citados como locais perigosos e tinham limitações bancárias para conseguir empréstimo e etc., tornando a mobilidade social e financeira mais difícil.

Ainda assim, era uma melhor oportunidade de vida e uma liberdade maior do que a vivida anteriormente em um local de linchamentos constantes contra os negros, impedimentos para exercer o voto, dentre outras práticas comuns nos estados segregados legalmente. Essa escolha em busca de uma vida melhor foi grande não apenas pela quantidade de pessoas fazendo isso, mas também pelo impacto cultural, que acabou sendo a base para movimentos artísticos, sociais e políticos.

Nessas comunidades e bairros criados com a migração, foi crescendo o sentimento de união e comunidade, que trouxe o grande pico de produção cultural afro-americana nos Estados Unidos, o chamado Renascimento do Harlem, um bairro em Nova York, que durou de 1918 até os anos 1930. O movimento foi muito influente na cultura da época e, apesar de não ter características específicas, os autores focavam no teatro e na poesia. Um tema recorrente nas obras desses autores era a experiência do negro americano na sociedade. O movimento era uma mistura de culturas e inspirações, mas os autores tinham em comum a fé e a vontade de contar a realidade do negro nos EUA e mudá-la.

Nós jovens artistas negros que criamos agora queremos expressar nosso eu individual de pele escura sem medo ou vergonha. Se os brancos gostarem ficamos felizes. Se não gostarem, não importa. Nós sabemos que somos bonitos. E feios também. [...] Nós construímos nossos templos para o amanhã, fortes como sabemos, e ficamos de pé no topo da montanha, livres dentro de nós mesmos.³ (HUGHES, 1926, p. 207, tradução nossa).

Como o autor dessa citação, Langston Hughes, que se destacava pela maestria na utilização do jazz em suas produções, outros grandes nomes da literatura e do movimento preto surgiram daí, como W.E.B. DuBois, escritor e sociólogo importantíssimo para o movimento, as escritoras Zora Neale Hurston e Dorothy West, o também escritor Ralph Ellison, o pintor Aaron Douglas, o compositor

³ No original: “*We younger Negro artists who create now intend to express our individual dark-skinned selves without fear or shame. If white people are pleased we are glad. If they are not, it doesn’t matter. We know we are beautiful. And ugly too. [...] We build our temples for tomorrow, strong as we know how, and we stand on top of the mountain, free within ourselves.*”

Duke Ellington, dentre vários outros artistas, que fizeram aparecer mais o sentimento de orgulho de quem eles eram, suas origens e suas histórias, como veríamos muito mais forte nas décadas seguintes.

A Grande Migração também trouxe, além de vários artistas, as influências musicais e as transformaram em novos gêneros populares. Foi nessa época a era do Jazz. A música sempre esteve presente com os afro-americanos. Desde o trabalho forçado nas plantações já havia os *spirituals*, canções com teor religioso que refletiam a situação dos escravizados, com um canto melancólico sobre a dureza daquela vida. Cantar era a maneira de se expressar que eles tinham, já que também eram privados de saber ler e escrever, então a música foi algo que conseguiram desenvolver, e daí nasceram o Blues e o Jazz. O Blues era mais característico de um canto da alma, da angústia, tristeza e dor, cantado lindamente. Já o Jazz trazia um tempo e batida mais dinâmicos que acabaram virando fenômenos, não só entre os negros, mas entre os brancos e mais ricos da sociedade.

A música conquistou o país, e com esse pico os negros começaram a transitar mais em espaços de predominância branca, principalmente com o Blues e o Jazz, que foram um sucesso que moldou os EUA tão grande que acabou originando muitos gêneros musicais característicos a partir deles. Foi dessa era que nomes consagrados surgiram, como Billie Holiday e a rainha do Jazz, Ella Fitzgerald. Esse movimento musical foi muito importante por justamente trazer o foco para pessoas negras, elas eram exaltadas, algo raro de se ver na época.

Apesar do grande impacto que Harlem e a música haviam feito, os afro-americanos do Sul ainda tinham que conviver com a segregação nos estados que adotavam as leis Jim Crow, que separavam banheiros, bebedouros, transportes e ambientes públicos, além de proibir o casamento de negros com brancos.



Imagem 1 – A segregação nos bebedouros. Homem negro bebendo água no bebedouro de destino aos “*colored*” (negros), ao lado de um bebedouro de melhor qualidade para os brancos (“*white*”).

Fonte: ERWITT, North Carolina, 1950.

Essa era a política de “separados, mas iguais”. A situação era basicamente essa, ainda de servidão e inferioridade para com o branco perante a lei e aos olhos da sociedade. Essa situação obviamente foi gerando revolta, que culminou no ápice da história em relação aos direitos dos negros nos EUA, o Movimento dos Direitos Civis que durou de 1954 a 1968 e que explodiu com Rosa Parks, uma mulher negra ativista que se recusou a dar lugar para um branco se sentar no ônibus.

A atitude de Parks em Montgomery, Alabama, desencadeou um grande movimento de desobediência civil não-violenta, cujo um dos principais líderes era Martin Luther King Jr. Houve então um boicote aos ônibus da cidade que durou 381 dias e teve fim com a declaração do fim da segregação em transportes públicos no Alabama.

Vários outros acontecimentos com a população negra e a segregação desencadearam mais movimentos, dentre eles os casos de alunos negros que queriam frequentar as escolas que eram só para brancos. Em 1952 a Associação Nacional para o Progresso de Pessoas de Cor (NAACP) representou cinco casos de estados diferentes sobre essa situação, e os casos foram agrupados e levados à Suprema Corte em 1953 com o nome de *Brown v. Board of Education*. Em 1954, a Corte decretou que não era constitucional a segregação das escolas, mas mesmo perante essa decisão muitas pessoas ainda tentavam impedir os negros de frequentar as escolas tipicamente brancas. Além disso, a articulação e

movimentação dos negros já vinha mais forte com grupos como a própria NAACP, formada em 1909 por ativistas, entre eles W.E.B. DuBois, que lutava contra a segregação de Jim Crow e oferecia representação legal para negros, além de ajudar no progresso artístico.

Esses eventos desencadearam outras manifestações ao redor do país, a maior delas sendo a Marcha sobre Washington por Trabalho e Liberdade em 1963, que reuniu 250 mil pessoas na capital, em frente ao Lincoln Memorial. Essa foi a maior manifestação por direitos da história dos EUA, e feita em um lugar muito simbólico. Foi neste dia que Martin Luther King Jr. deu seu famoso discurso “*I have a dream*”, cem anos após a abolição da escravidão no país, reforçando os ditos da declaração da independência, falando sobre a luta por igualdade e a fé do sonho americano para os negros do país.



Imagem 2 – Martin Luther King Jr. em Washington. Multidão reunida em 1963 prestes a ouvir o discurso de Luther King.

Fonte: fornecida por Central Press/Getty Images

E foi então em 1964 que o Congresso aprovou a *Civil Rights Act*, que validou nacionalmente as leis contra a segregação e discriminação. Foi um dos documentos mais importantes a serem assinados na história do país, pois era um grande passo para a igualdade não só para os negros nos EUA.

Em 1965 mais conflitos renovaram a luta pela igualdade. A marcha de Selma para Montgomery pelo direito de voto era uma manifestação pacífica que foi atacada violentamente e ficou conhecida como Domingo Sangrento. E nesse mesmo ano, foi assinada a Ata de 1965 que garantia os direitos de voto da população negra, dentre outros.

Outros nomes importantes também lideraram na época, como Malcolm X, que não dividia da mesma visão pacifista de Luther King, que ganhou o Prêmio Nobel da Paz em 1964. Malcolm, que advogava pelo *Black Power*, orgulho negro e a defesa perante violência racial, era visto como mais radical nesse sentido. Teve também o surgimento do Partido dos Panteras Negras, que carregaram o legado após o assassinato de Malcolm em 1965 e de Luther King em 1968, o que marcou o fim do movimento.

Mas o sentimento de mudança e inconformidade da população ainda permanecia e o Partido dos Panteras Negras, que durou oficialmente de 1966 a 1982, crescia. Eles lutavam pelo fim da violência policial e assistiam muitas comunidades negras no país. Era um partido polêmico e não bem-visto por muitas pessoas, e com a pressão e as investigações do FBI, o partido chegou ao fim, diferentemente dos ainda recorrentes problemas raciais no país.

Todos esses movimentos influenciaram bastante a produção artística da época, e os ativistas e escritores falavam sobre suas realidades e expressavam sua raiva para com a situação de segregação em seus trabalhos, como Richard Wright, Countee Cullen, e muitos outros, além dos já mencionados Langston Hughes e DuBois. Peter B. High, um escritor de literatura americana, no capítulo sobre literatura negra no século XX em seu livro *An Outline of American Literature*, nos mostra como todos esses eventos influenciaram a literatura da época e diz que:

Não podemos dizer que os anos de “raiva dos negros” acabaram. Provavelmente haverá novas explosões nos próximos anos. Enquanto a experiência dos negros na América continuar diferente da dos outros americanos, vai continuar existindo uma “literatura negra”. Essa literatura agora tem uma longa e rica tradição.⁴ (B. HIGH, 1986, p. 221, tradução nossa).

⁴ No original: “We cannot really say that the years of “black anger” are over. There will probably be new explosions in the coming years. As long as the black experience in America remains different from that of other Americans, there will continue to be a “black literature”. This literature now has a long and rich tradition.”

E ele não estava errado, como vemos hoje no que culminou no movimento *Black Lives Matter*.

Mas agora chegamos em um ponto importante: afinal, onde estavam as mulheres nisso tudo?

1.3 Mulheres no ativismo

Vimos algumas mulheres pretas sendo ressaltadas durante a história, mas a verdade é que elas estavam bem mais presentes do que se conta. As mulheres não eram simples coadjuvantes, apesar de para muitos elas andarem nas sombras, muito pelo contrário, elas também estavam nas frentes de luta e arte. Estavam presentes no Harlem, como Marita Odette Bonner, Gwendolyn B. Bennett, as já mencionadas Dorothy West e Zora Neale Hurston, além de várias outras, e mais presentes ainda no Movimento dos Direitos Civis, mas a invisibilidade da mulher sempre foi muito forte.

A luta das mulheres por direitos aparece forte desde o Movimento das Sufragistas no final do século XIX e começo do século XX. Depois disso, a Segunda Guerra Mundial foi um momento de virada para as mulheres, pois havia uma alta demanda para trabalhos, principalmente em fábricas, devido ao grande número de homens na guerra no outro continente, então as mulheres assumiram essas vagas e não voltaram mais a cuidar apenas do lar. Mas demorou muito até as mulheres terem de fato alguma conquista significativa e efetiva nesses quesitos, sendo somente na segunda metade do século XX que seus direitos, como o do voto, ficaram mais assegurados na Constituição.

Mas quando falamos da condição da mulher preta é preciso olhar por outro ângulo, pois se junta a questão racial com a de gênero, duas formas de opressão. Como nos mostra bell hooks em seu livro *E eu não sou uma mulher? - Mulheres negras e feminismo* (2019), por muito tempo a mulher negra ficou em uma posição complicada de ter que escolher entre uma das duas lutas, tendo em vista que era excluída da discussão muitas vezes, pois quando se fala de igualdade racial se pensa no homem preto e quando se fala de igualdade de gênero se pensa na mulher branca. E a mulher preta onde fica? Essa é a pergunta que o conceito de interseccionalidade, a ser abordado neste trabalho, nos responde.

Por muito tempo essas vozes não eram representadas e ouvidas, mas já na década de 1920, no Harlem, vemos algumas histórias sobre as mulheres, sua situação de escravidão e vemos algumas falarem sobre suas dores e realidades. Mas é a partir da década de 1960, depois de todas essas mudanças, que vemos isso mais forte. Mulheres como Angela Davis, grande ativista pelos direitos civis das mulheres, já tomaram frente dos movimentos fazendo parte inclusive do Partido dos Panteras Negras.

A partir dessa década vemos também uma onda muito mais forte para falar do assunto da mulher e a verdade da mulher preta passa então a ser mais falada. Através de seus livros, escritoras como Maya Angelou, Alice Walker e a vencedora do Nobel de literatura em 1993, Toni Morrison, contavam histórias ficcionais com inspiração em vidas reais. Maya Angelou fez isso nas suas várias autobiografias tocantes e doloridas. Toni Morrison também fala da questão da mulher preta e da opressão, e mostra a violência simbólica, conceito também a ser debatido neste trabalho, claramente em seu livro *O olho mais azul* de 1970, com a questão dos padrões de beleza brancos estabelecidos e enraizados na mente de crianças negras, como é o caso da personagem Pecola que reza para ter um olho azul. E em 1982 Alice Walker publica também *A Cor Púrpura*.

Alice Walker é uma escritora e poetisa nascida em 1944 em uma cidade rural no interior da Geórgia, sul dos EUA. Vinda de família trabalhadora de campo, Walker viveu as consequências da segregação e subvalorização dos negros vivenciada por muitas famílias no Sul, como já falamos, mas com os estudos e gosto pela literatura desde pequena, além do apoio da família e de professores, conseguiu mudar essa situação. Frequentou a única escola para negros de sua cidade, e por ter sido sempre aluna exemplar, conseguiu bolsas para a faculdade. Estudou na Spelman College em Atlanta em 1961 e depois se transferiu com outra bolsa para a Sarah Lawrence College em Nova York. Foi casada com um advogado pelos direitos civis em 1967 e foram assim o primeiro casamento inter-racial no estado de Mississippi quando para lá se mudaram, o que não foi uma situação fácil.

Em uma entrevista ao jornal Estado de S. Paulo em 2022, Walker diz que “Escrever é sobre expressar o seu estado de espírito, especialmente quando se é jovem. Mais tarde, trata-se de criar um mundo onde outras pessoas possam se juntar a nós”. Essa fala mostra o seu carinho com a escrita e também a importância

dela para a percepção da realidade feminina negra, trazendo visibilidade e possibilidade de se enxergar e criar.

Walker sempre foi muito ativa com as causas que defendia, e vemos claramente nas dezenas de obras que produziu, onde fala sobre as questões raciais, da mulher preta, e a riqueza das relações que as cercam. Fez parte do Movimento dos Direitos Civis na sua época de faculdade e foi professora de literatura entre as décadas de 1960 e 1970. Sua maior obra literária, *A Cor Púrpura*, é o foco deste trabalho. Publicado em 1982, foi vencedor do *National Book Award* e do Prêmio *Pulitzer*, ambos em 1983, sendo Walker a primeira mulher negra a ganhar o *Pulitzer* de ficção. Seu livro é um grande sucesso, com milhões de cópias vendidas globalmente e com adaptações de cinema, em um filme dirigido por Steven Spielberg e estrelado por Whoopi Goldberg e Oprah Winfrey, e de teatro, contando até com um musical estreado em 2005 que possui versões em outros países, como no Brasil. Walker conseguiu escrever um clássico marcante que nos expõe, através de cartas, a intimidade do pensamento de uma mulher preta nos Estados Unidos justamente no século XX.

2 TEORIAS LITERÁRIA E SOCIAIS

Para a análise a ser feita neste trabalho, trabalharemos com três correntes teóricas, duas delas de cunho social. A primeira a ser explanada é a corrente do gênero literário de romance epistolar, que é a base e estrutura do livro a ser analisado. As outras duas são a interseccionalidade, que transcorre o livro inteiro indiretamente, e a violência simbólica, conceitos que se complementam.

2.1 Romance epistolar

O romance epistolar é uma narrativa escrita através de cartas, muitas vezes também podendo apresentar diários ou mensagens eletrônicas, mas focaremos, aqui, na carta. Entrando na etimologia da palavra, o nome epistolar deriva do latim *epistolaris* que quer dizer relativo à carta, epístola, sendo assim então literalmente uma estrutura de romance e de construção de narrativa por cartas. Já o termo epístola se refere à escrita com um destinatário.

Historicamente, as cartas fazem parte do mundo há muito tempo e se mostraram importantes para além da comunicação. Elas estiveram presentes e são importantes para registros e para compreender momentos históricos, como é o caso da carta de Pero Vaz de Caminha, escrita ao rei de Portugal, que relata a chegada e as suas impressões no território brasileiro, e é também o primeiro documento escrito do Brasil.

Além dessa carta, a troca dessa correspondência já era muito comum entre os romanos séculos antes, com produções epistolares datando da época de grandes autores latinos como Horácio, Ovídio e Cícero. Outro grande nome da Antiguidade é Sêneca, que trouxe grandes contribuições para o gênero ao usar a oralidade e o coloquialismo na sua escrita. Nos tempos mais recentes, grandes autores ainda possuíam o costume de escrever cartas, como as famosas cartas de Emily Dickinson, que escreveu inúmeras a diversos destinatários e que contribuem imensamente para a compreensão da autora e sua obra, ou as trocas entre os escritores brasileiros Mário de Andrade e Manuel Bandeira.

O romance epistolar foi então um estilo de narrativa muito popular, principalmente no século XVIII, e especialmente na Europa, quando essa troca de

correspondências era algo comum entre as pessoas, mas já no século seguinte isso mudou e não era mais um gênero tão popular.

Quanto à classificação das cartas, há debates. Há quem as consideram apenas como correspondências ou registros de relatos íntimos e do corriqueiro cotidiano feito para informar alguém. Há quem vê isso como uma riqueza, e varia muito a categorização de se é literatura ou apenas relatos. A doutora em teoria literária Vanessa Martins diz:

Abordando especialmente a carta como fonte para a historiografia anterior à mudança de paradigmas, podemos lembrar que elas eram utilizadas como 'provas' do real, do passado acontecido, sem o menor questionamento, sem a mínima tentativa de diálogo com o aspecto literário que ela contém. Elas eram utilizadas como fontes documentais do 'real', como 'prova' de fundamentação hipotética. Em muitos casos a carta pode fornecer algumas informações que faltavam na tessitura do passado, em outros, ela não teria o poder de revelar 'verdades ocultas' por trás do véu das aparências por pertencer ao campo do imaginário, do discurso, da subjetividade. Se é fonte, é também um artefato literário e pode receber grande contribuição da literatura quando utilizada na reconstrução do passado por historiadores. (MARTINS, 2011, p. 65).

Sendo assim, vemos uma incerteza de como classificar o gênero epistolar, tendo em vista suas diferentes funções ao longo do tempo. Porém é possível encontrar este lugar de entendimento da importância literária das cartas, sejam ficcionais sejam reais, para o entendimento de história. A literatura permite esse diálogo do imaginário da ficção com a história e seus fatos, ela une essas fronteiras.

Em *A Cor Púrpura* e em outras produções da época da publicação do romance, vemos como há os dois, uma ficção, mas que carrega em si traços do real. Podemos ver nessas histórias marcas de historicidade, a representação de algo que teve lugar no tempo.

Outro ponto importante também é a relação remetente-destinatário, afinal para quem a personagem está contando? E por quê? Por ser um hábito entre muitas pessoas, o romance epistolar era bastante usado para trazer então essa identificação e conexão com os leitores, dando uma intimidade maior para as ficções. As histórias pareciam mais reais e traziam junto disso mais subjetividade dos personagens, uma vez que uma carta é algo muito íntimo entre o remetente e o destinatário, muitas vezes sendo também um diário, dando assim uma maior voz aos personagens que não só viviam os acontecimentos e faziam as ações, mas se abriam mais e as contavam pelo seu íntimo. Outro recurso que essa escrita trazia,

era a perspectiva de um ou poucos personagens, o que dá ao leitor uma visão limitada da realidade, onde se sabe tudo pela perspectiva do remetente, podendo limitar ou aumentar o que sabemos da história.

A doutora em educação e história Maria Teresa Cunha fala em *Cartas entre amigas* (2002) sobre esse ato de escrever:

[é] confrontar-se com códigos estabelecidos e, a partir deles, inventar/construir um lugar para si, através das palavras. Trocar cartas corresponder-se, escrever para alguém são formas de se expor, de compartilhar experiências, construir elos invisíveis e, muitas vezes, duradouros. A carta como uma prática de escrita, tanto fala de quem a escreve como revela sempre algo sobre quem a recebe, anunciando a intensidade do relacionamento entre os envolvidos, pois nunca se escreve senão para viver, a fim de fazer frente a uma situação, para explicar, justificar-se, informar, dirigir-se a, apelar, queixar-se, sofrer menos, fazer-se amar, dar-se prazer. (CUNHA, 2002, p. 188).

Essa colocação sumariza o que colocamos sobre a intimidade do gênero epistolar, além de simbolizar muito bem o ato de escrever cartas. Podemos ver esses traços sobre a escrita principalmente na personagem Celie, da qual falaremos mais na terceira parte deste trabalho. Ela encontra nas cartas uma maneira de existir e ter voz na sua realidade de violência e apagamento, muito pautada também pelos outros dois termos a serem abordados: a interseccionalidade e a violência simbólica.

Para citar mais uma vez a professora Vanessa Martins, na intimidade da carta:

[...] é possível fazer aparecer o seu próprio rosto e se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dito sobre si mesmo. [...] Relatar o seu dia e não por causa da importância dos acontecimentos, mas justamente na medida em que eles nada têm para deixar de ser igual a todos os outros, atestando assim, a qualidade de um modo de ser. É como “viver sob o olhar de outrem sem nada ter a esconder”. Um exercício mental de memorização com o objetivo de se constituir como inspetor de si mesmo e avaliar as faltas comuns e reativar as regras de comportamento que é preciso ter sempre no espírito. [...] Enfim, através da correspondência o indivíduo acaba por criar também uma literatura de si. [...] Dessa forma, ao tentar construir um texto que esboce a si mesmo, relate os aspectos escolhidos de seu cotidiano, expresse impressões sobre a alma, o corpo, o lazer, não se trata de um personagem pronto, mas em permanente construção. (MARTINS, 2011, p. 66-67).

Os seres humanos sempre se expressaram através da música, escrita e arte no geral, mas a epistolografia ficou mais associada ao feminino, pela intimidade e sensibilidade muitas vezes abordadas nessa escrita. Apesar desse estereótipo não ser necessariamente positivo, as cartas acabaram tendo um papel muito importante

na construção da identidade feminina e serviam também como uma forma de emancipação da mulher.

O formato de narrativa epistolar escolhido por Walker em *A Cor Púrpura* nos permite então uma grande intimidade com a personagem e nos deixa ver e saber muitas coisas que de outra maneira narrativa não seria possível. Essa estrutura nos permite também olhar valores e fenômenos sociais que abordaremos ao longo deste trabalho, como a interseccionalidade e a violência simbólica.

2.2 Interseccionalidade

A interseccionalidade é um conceito idealizado pela professora, estudiosa e ativista, Kimberlé Crenshaw, em 1989, no artigo *Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics*. Esse conceito explica que a experiência de um indivíduo não depende de apenas um fator, mas está interligada e definida por vários outros, como raça, gênero, sexualidade, etnia, classe, dentre outros marcadores sociais. Sendo assim, era preciso mudar a forma que vemos e entendemos as lutas sociais para que elas fossem mais inclusivas levando em consideração esses fatores. O termo desde então ganhou força e hoje é fortemente discutido por sociólogos, pesquisadores e ativistas. Crenshaw define a interseccionalidade como:

[...] uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento. (CRENSHAW, 2002, p. 7).

Crenshaw nos mostra então que os problemas discutidos pela interseccionalidade são somatórios e opressores, que desempoderam o indivíduo e acaba por invisibilizá-lo. É com esse termo que percebemos que os eixos de poder relacionados à raça, etnia, gênero, classe, sexualidade, deficiências, localização geográfica e etc., estruturam a sociedade e suas questões sociais, econômicas e políticas nas quais vivemos. Crenshaw também explica que esses eixos são

distintos, mas que frequentemente se ligam e criam complexas intersecções com seus cruzamentos e sobreposições. A teoria interseccional é então uma maneira de entender os múltiplos fatores que se integralizam para a experiência de uma pessoa na sociedade e como isso influencia nas opressões que sofre e no seu status social.

A luta feminista ao longo do século XX, que majoritariamente funcionava para mulheres brancas de classe média, representava a realidade delas. A discussão do lugar da mulher em diferença ao do homem, que o dele era de trabalho e o dela de doméstica sem regalias e sequer o direito ao voto, não representava a maioria das mulheres não-brancas. Por isso, o termo interseccionalidade surgiu inicialmente na pauta de mulheres negras nos EUA, que apontou o movimento feminista como exclusivamente branco e trouxe como objetivo torná-lo mais inclusivo. Não se nega a relevância da pauta levantada anteriormente, mas havia um olhar que não representava todas. Nas décadas de 1960 e 1970, antes de Crenshaw surgir com o termo, já se discutia sobre essa falta de inclusão e representatividade nas diferentes vivências, pois mulheres negras e de classes mais baixas já trabalhavam fora de casa, ainda que em condições muito precárias. O debate nasce então para se olhar para a multiplicidade de mulheres, e ao longo dos anos se tornou cada vez mais abrangente, falando de mais grupos e marcadores sociais.

Dos grupos importantes que trouxeram esse questionamento inicial nos Estados Unidos entre as décadas de 1970 e 1980 temos o movimento feminista negro (*Black Feminism*), que com o aumento da ingressão de mulheres negras no mundo acadêmico possibilitou muita produção sobre o tema e o desenvolvimento de um debate que as engloba. Há também o *Coletivo Combahee River* de Boston, Massachusetts, que já articulava a consciência de que as suas vidas e suas formas de resistência à opressão eram profundamente moldadas pelas influências simultâneas de raça, classe, gênero e sexualidade. Elas já tinham essa compreensão que a experiência afro-americana feminina divergia dos movimentos sociais em emergência na época e não as incluía (*The Combahee River Collective Statement*, 2019).

Estudar a interseccionalidade nos permite entender melhor as opressões e desigualdades discriminantes da nossa sociedade e a perceber que cada um de nós é atravessado por diferentes marcadores, que operam de formas combinadas e reforçam a hierarquia social e suas subordinações. Para entender esse impacto em

diferentes pessoas é preciso entender os preconceitos atrelados ao pertencimento a um grupo social e que, por isso, suas trajetórias são marcadas por maior vulnerabilidade e menor inserção na sociedade, podendo trazer limitação do acesso a direitos e oportunidades.

A interação entre mais de um desses marcadores sociais que são ligados na forma como uma pessoa é percebida no mundo, também indica as potencialidades intelectuais que essas visões múltiplas têm a acrescentar na interpretação da realidade. Esse pensamento é afirmado por Ana Paula Moritz, que diz que “As experiências vividas e narradas pelas mulheres negras permitem criar uma interlocução repleta de diferentes vozes sobre diferentes versões da verdade, a fim de remontar coletivamente uma história.” (MORITZ, 2020, p. 64-65).

Assim, a interseccionalidade tem ganhado cada vez mais lugar, e tem grandes nomes na sua pesquisa, não só nos Estados Unidos, mas também no Brasil. O feminismo negro brasileiro é referência internacional com seus movimentos e produção intelectual. Essas estudiosas são mulheres que estiveram sempre muito presentes e ativas nas lutas pelos direitos civis da mulher negra, e que usam sua voz para falar sobre o assunto. Dentre elas temos Angela Davis, que possui uma vasta publicação de livros sobre raça, gênero, classe e outros ativismos, Audre Lorde, que muito falou sobre mulheres negras lésbicas, bell hooks, Patricia Hill Collins, entre outras. Dentre as brasileiras temos Djamila Ribeiro, Carla Akotirene, Lélia Gonzáles, Luiza Bairros e Marielle Franco, além de Sueli Carneiro, que defendia a necessidade de enegrecer o feminismo, e que fundou em 1988 o Geledés, instituto que tem como objetivo disseminar o pensamento intelectual produzido por mulheres negras.

O surgimento do termo e seu estudo vêm sendo importante para o combate de desigualdades do sistema estruturalmente excludente que cria relações de subordinação para quem se encontra nessas interseccionalidades, dando maior visibilidade e possibilidade de inclusão social. É um instrumento de lutas políticas e sociais, antirracistas, feministas e dos direitos humanos. Esse conceito é então indispensável para se estudar não mais só o lugar da mulher negra, mas das várias pluralidades. A professora Ana Diniz, coordenadora do Núcleo de Diversidade e Inclusão no Trabalho no Insper, diz:

É impossível avançar a agenda feminista sem reconhecer a interseccionalidade, porque senão teremos tantos pontos não trabalhados que não vamos estar nos movimentando pelas mulheres, mas por um grupo muito específico de mulheres. (DINIZ, 2022, s/p).

E é com essa ideia que os debates vêm se expandindo cada vez mais para que as pessoas tenham suas vozes ouvidas e representadas.

Pensar as intersecções é desafiar as estruturas de poder e lutar contra o silenciamento de vozes. Falar por si, encontrar a própria voz e se autodefinir é essencial para o empoderamento, sendo um meio de romper com hierarquias de poder que antes falavam por essas mulheres e definiam aos seus moldes o lugar a que deviam pertencer. (MORITZ, 2020, p. 64).

Dessa forma, vemos a força que um pensamento social pode ter na transformação do indivíduo e da sociedade.

2.3 Violência simbólica

Outro estudioso que contribui para a nossa análise é o sociólogo Pierre Bourdieu, que também acredita na Sociologia como uma ciência de combate e elaborou o conceito de violência simbólica em meados da década de 1970, ele a define em seu livro *A Dominação Masculina*:

[...] violência suave, insensível, invisível às suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento [...]. (BOURDIEU, 2019).

A violência simbólica vem então de uma relação de poder e influência e é uma violência naturalizada, já aceita e incorporada na sociedade. Está disfarçada, mascarada, sutil, nos discursos, posturas e posicionamentos que produzem danos psicológicos e morais. Bourdieu diz que a violência simbólica já está tão intrínseca que os oprimidos sequer se dão conta de que são oprimidos. É uma violência que vem através de símbolos que ganham significado e dominam, e por não ser como a violência física, que deixa hematomas que podemos ver, ainda é uma violência desconhecida e negada por muitas pessoas, por mais que esta também seja danosa e machuque.

Para entender melhor o conceito de violência simbólica precisamos falar do poder simbólico e dos capitais explicados por Bourdieu. Para o sociólogo, os seres

humanos possuem quatro tipos de capitais, que são sinônimos de poder e promovem mobilidade nas camadas sociais. Eles são divididos em:

- Capital econômico: que seria a renda financeira, os recursos econômicos, como dinheiro e posses, e é o tipo de capital dominante.
- Capital social: são suas redes de amizade e convívio, é o pertencimento a um grupo. Seus relacionamentos podem vir a gerar ganhos materiais ou simbólicos.
- Capital cultural: consiste em ativos sociais ligados a uma pessoa. Há três tipos de capital cultural: o incorporado, que é adquirido ao longo do tempo e diz respeito ao que alguém pode se tornar ou transformar com base no capital acumulado e na socialização através de uma educação, cultura, tradição, etc.; o objetivado, que são bens materiais obtidos por ganhos econômicos e demonstram ser detentor de capital cultural, como coleções de obras, livros, etc.; e o institucionalizado, que são qualificações acadêmicas.
- Capital simbólico: está ligado ao prestígio e ao reconhecimento, é o status social.

Todos os capitais exercem algum tipo de influência e poder, mas é o capital simbólico que é fundamental para que os indivíduos e instituições exerçam o poder de persuadir e manipular por meio de símbolos e estruturas de poder, com seus ideais, pensamentos e crenças, fazendo-os serem ouvidos, fornecendo autoridade ao discurso através do capital simbólico. É uma ferramenta de influência que pode vir a ser uma forma de dominação.

A violência simbólica existe de forma inconsciente na sociedade e aparece com essa imposição de normas e padrões de um grupo que possui maior poder social sobre outro grupo, em uma relação de dominante e subordinado. É dessa maneira que se perpetuam impressões e valores culturais, além também de estereótipos.

É como uma forma de coação não física naturalizada que aparece em diferentes camadas sociais se impondo com padrões culturais, de gênero, sexualidade, de etnia, religiosos etc., causando, sem que se perceba, danos psicológicos e morais. É a manifestação do discurso do grupo dominante, que é tão institucionalizada e acontece há tanto tempo tão constante e continuamente que já vira uma crença na mente dos indivíduos da sociedade, que acabam usando essa

violência dentro de si automaticamente. É dessa maneira que a violência simbólica impregnada é legitimada e pode causar mais danos sem que percebamos.

Ao não se encaixar naturalmente nesses pontos impostos, a vítima da violência se sente inferiorizada por não conseguir ser como o padrão exigido e visto como normal, muitas vezes, sequer vendo a si mesmos como vítimas, sentindo que sua condição é algo impossível de ser evitado. Por serem padrões culturalmente inseridos e praticados habitualmente, as pessoas não percebem. Vemos assim que não é só o poder e força bruta que trazem o exercício efetivo do poder.

A mídia também tem grande papel no exercício desse poder/violência. É através da produção simbólica por meio da linguagem, da arte, da religião, de comportamentos e outros sistemas simbólicos amplamente divulgados por esses meios que se reforça a violência e se legitima o preconceito contra tudo que não é de acordo com o mostrado. É assim que ela vai se infiltrando e permeando com raízes, são as entrelinhas que se espalham pela cultura e acabam por legitimar outros tipos de violência.

É uma violência exercida com cumplicidade tendo em vista que quem sofre e quem exerce muitas vezes sequer sabem que estão nessa ação, são acordos inconscientes entre as duas partes. É a aceitação inconsciente de que um ponto de vista é o correto e superior aos outros, que não importam, uma característica que casa muito com a invisibilidade da intersecção.

Entretanto, nem sempre que há uma relação de poder há violência simbólica, mas no geral quando acontece, a vítima é diminuída em sua dignidade ou bem-estar, se sentindo muitas vezes humilhada. Exemplos de violência simbólica são também o *bullying* e o assédio.

A própria maneira como nos comunicamos, que faz parte do universo simbólico, pode ser outra forma de violência simbólica, de sustentar as relações de dominação por meio da normalização de determinados usos da linguagem e a marginalização e exclusão dos ditos “errados”. O crítico literário Jonathan Culler diz que “A linguagem é performativa no sentido de que não apenas transmite informação, mas realiza atos através de sua repetição de práticas discursivas ou de maneiras de fazer as coisas estabelecidas” (CULLER, 1999, p. 99). Vemos assim que a instituição de valores através da linguagem não é por acaso, e o reforço constante dela domina o pensamento do indivíduo oprimido.

A violência simbólica é nítida também na repressão às mulheres. A construção social que se tem das mulheres retrata o comportamento feminino como fraco e as atividades femininas como de menor valor, além de estereótipos opressores, como a associação da mulher ao sensível, emotivo e frágil enquanto o homem representa a força. Aparece também na linguagem, em frases como “bater como uma garota”, “chorar como uma menininha” ou “isso é coisa de menina”, usadas no sentido negativo e que sutilmente desenvolvem visões sobre a subordinação e diminuição das mulheres. Ao ouvir isso desde muito pequena, já se internaliza a ideia de se ficar dentro desse padrão. Bourdieu diz:

Em termos de dominação simbólica, a resistência é muito mais difícil, pois é algo que se absorve como o ar, algo pelo qual o sujeito não se sente pressionado; está em toda parte e em lugar nenhum, e é muito difícil escapar dela (BOURDIEU; EAGLETON, 2007, p. 270).

Sendo assim, a reprodução social e cultural é importante na análise da violência simbólica por ser constantemente reforçada, e a adesão às normas socioculturais por homens e mulheres desempenha um papel fundamental na subordinação.

É aí que entra o racismo do próprio negro contra si e o machismo da própria mulher, com discursos tão institucionalizados que nós mesmos acabamos os internalizando, junto da ideia de inferiorização.

E a mãe frequentemente diz “Não seja como os negros” quando as crianças são más. Uma frase frequente do pai é “Olha quão bem um homem branco faz as coisas.” E então a palavra branco vira inconscientemente um símbolo de todas as virtudes. Vale para a beleza das crianças, moral e dinheiro. O sussurro “eu quero ser branco” corre silenciosamente pela mente deles. [...] Dá para ver como seria difícil para um artista nascido em tal lar se interessar por interpretar a beleza de seu próprio povo. Ele nunca foi ensinado a ver essa beleza. Ele é ensinado a não vê-la, ou se ver, a ter vergonha por não estar de acordo com os padrões caucasianos.⁵ (HUGHES, 1926, p. 210, tradução nossa).

Langston Hughes nesse trecho de seu ensaio *The Negro Artist and the Racial Mountain*, exemplifica perfeitamente o poder da violência simbólica não só para

⁵ No original: “And the mother often says “Don’t be like niggers” when the children are bad. A frequent phrase from the father is, “Look how well a white man does things.” And so the word white comes to be unconsciously a symbol of all virtues. It holds for the children beauty, morality, and money. The whisper of “I want to be white” runs silently through their minds. [...] One sees immediately how difficult it would be for an artist born in such a home to interest himself in interpreting the beauty of his own people. He is never taught to see that beauty. He is taught rather not to see it, or if he does, to be ashamed of it when it is not according to Caucasian patterns.”

anular a visão do negro de si, mas também mostra como ela poda a criação artística do violentado.

O auge da violência é justamente esse, quando o oprimido incorpora o discurso do opressor e reitera essas “verdades” e violências. Há uma cumplicidade não consciente, como, por exemplo, nos casos de estupro, onde não é incomum ver uma mulher questionando se a vítima não provocou. Assim, vemos que toda essa construção de violência simbólica pode virar violência física, como também na ideia da dominação e propriedade masculina perante a mulher, e principalmente seu corpo, que leva muitas vezes ao feminicídio.

É importante ressaltar que esse tipo de violência não é menos grave ou menos nociva que a física. Esse pensamento leva a perdurar o comportamento que fere a dignidade e existência de outro ser humano, como reforça a socióloga Heleieth Saffioti “Os negros e as mulheres, assim como todas as categorias sociais discriminadas, de tanto ouvirem que são inferiores aos brancos e aos homens, passam a acreditar em sua própria inferioridade.” (SAFFIOTI, 2002, p. 29).

Com as muitas camadas, interseccionalidades e pensamentos internalizados, todos nós exercemos algum tipo de poder simbólico perante alguém ou em alguma situação, por isso, é importante ressaltar o pensamento colocado por Djamilia Ribeiro (2016) que não é porque somos oprimidos que não podemos oprimir também, pois os privilégios perante algumas classes e camadas ainda exercem seu poder mesmo dentro das interseccionalidades. E Carla Akotirene reafirma em seu livro *Interseccionalidade* (2019) que “A interseccionalidade pode ajudar a enxergarmos as opressões e combatê-las, reconhecendo que algumas opressões são mais dolorosas. E que às vezes somos oprimidos, mas às vezes somos opressores”.

3 ANÁLISE DE A COR PÚRPURA

A história de *A Cor Púrpura*, por mais que seja pesada e violenta, é feita através de uma escrita leve, tanto de Celie quanto de Walker, e traz um mergulho na intimidade da personagem tão grande que o tempo passa na história e o leitor nem vê. Essa característica do romance epistolar traz veracidade para a história narrada e o leitor se sente muito mais próximo da personagem, o que torna também a história mais visceral por mais que, como já dito, seja leve. Neste capítulo iremos expor as partes que constroem essa complexa obra e expressam de maneira interligada os conceitos explicados anteriormente.

3.1 Resumo da obra

Celie, aos 14 anos, é constantemente abusada e estuprada pelo homem que ela chama de pai, e desses abusos nasceram duas crianças, que logo são levadas embora por ele. Celie percebe que Alphonso, o pai, começa a olhar para Nettie, e ela prefere que a irmã case do que fique na mesma casa que ele. Sinhô, o namorado de Nettie, a pede em casamento, mas o pai ao invés disso, oferece Celie, que já foi “manchada”, mas, segundo a narrativa, Deus tomou providências e ela não pode mais engravidar. Depois de muitos meses pensando, Sinhô aceita e, assim, Celie sai de casa, vai morar com Sinhô e cuidar dos filhos dele.

Nettie foge de casa e fica com sua irmã na casa de Sinhô. Sinhô ainda gostava de Nettie e constantemente a elogiava, mas ela o ignorava e repassava os elogios para a irmã. Sinhô eventualmente fala que Nettie tem que ir embora. Ela queria ir, mas não queria deixar sua irmã naquela situação. Celie a manda ir embora e procurar pelo reverendo e a esposa, que viu na cidade com sua filha Olivia. Ela achava que eles poderiam ajudar sua irmã. Elas se despedem e Celie pede para a irmã a escrever, Nettie diz que só a morte a impediria de fazer isso. E Celie nunca recebeu uma carta.

Harpo, o filho mais velho de Sinhô, começa a namorar Sofia, por quem estava apaixonado. Depois de um tempo ela fica grávida e eles se casam. Depois de anos de casados, Harpo conversa com o pai sobre como Sofia não o obedece, ela faz a

vontade dela sempre que ela quer. Sinhô diz que Harpo tem que bater nela, e quando Harpo pergunta o mesmo a Celie, ela também diz isso.

Celie começa a ter problemas para dormir, perturbada por ter visto Harpo tentando bater em Sofia que, quando descobre o que Celie disse a Harpo, vai até ela e a confronta. Celie no começo nega, mas elas começam a conversar e fazem as pazes, que é selada através de uma colcha que vão costurar juntas.

Shug Avery, eterna paixão de Sinhô e que Celie queria muito conhecer por também estar apaixonada por ela, fica doente e Sinhô a busca para ficar na casa dele. Ele fica no quarto o tempo todo, sentado ao lado de Shug, por mais que ela o afaste falando que não precisa que ele segure a mão dela e que ela precisava era de um homem forte, fazendo referência ao passado dos dois, que têm três filhos juntos e muito se amavam, mas Sinhô não soube contrariar a opinião do pai, que não gostava dela. Aos poucos, Shug vai recebendo os cuidados de Celie e vai melhorando, e assim elas vão construindo uma relação.

Harpo e Sofia ainda brigam, e ele sempre sai muito machucado. Em uma conversa com Celie, ele novamente fala que Sofia deveria obedecê-lo, e cita o casamento de Celie com seu pai como exemplo. Celie vai conversar com Sofia e ela diz que está ficando cansada dessa atitude do Harpo, e está perdendo o interesse. Sofia então vai embora para a casa de uma de suas irmãs com suas crianças, e Harpo fica.

Harpo decide transformar a casa em um bar, nomeado de *Harpo's*, que faz sucesso quando ele pede para Shug cantar lá. É assim que Celie consegue finalmente ver ela se apresentando. Ao ver a apresentação, Sinhô fica cheio de orgulho e Celie sente uma tristeza, porque sabe que Shug só olha para Sinhô. Ela chora e de repente escuta Shug dedicando uma música para Celie e ela fica feliz de ver algo em seu nome.

Shug melhora, faz muito sucesso no *Harpo's*, e diz que vai embora. Celie fica triste e conta para Shug que Sinhô bate nela quando ela não está por lá. Shug fica chocada e diz que não vai embora até garantir que ele não vai mais fazer isso. Um tempo depois, Shug e Sinhô começam a dormir juntos quase todo final de semana e Shug pergunta se Celie não se importa, ela diz que não se importa com ele, mas dá para perceber que fica triste por ser a Shug. Elas acabam tendo uma conversa que Celie diz que nunca gostou de quando “fazia” com Sinhô, o que assusta Shug e a

faz introduz algumas coisas para Celie, que começa a se olhar pela primeira vez. É um despertar que começa.

Sofia chega ao bar, conversa com todo mundo e Celie fica feliz de ver como ela está bem. Harpo vai falar com ela e eles rapidamente discutem, mas vão dançar logo em seguida. Mary Agnes, chamada de Tampinha, é a nova namorada de Harpo, e ela faz tudo que ele manda. Ela vai até os dois e tenta separar a dança que vira uma briga na qual ela perde dois dentes em um soco de Sofia, que vai embora.

Sofia outro dia estava na cidade no carro com suas crianças, quando a esposa do prefeito chegou para falar com eles. Ela diz que Sofia as criou muito bem e pergunta se ela não queria trabalhar para ela. Sofia responde que “diabos, não” e o prefeito intervém, dando um tapa em Sofia e ela logo bate de volta. Começa então uma confusão, os policiais chegam, espancam Sofia e ela é presa. Quando Celie e Sinhô vão visitá-la, Celie diz não saber como Sofia ainda estava viva, de tão machucada e inchada que ela estava.

Sofia foi sentenciada a doze anos, e trabalha na lavanderia da prisão. Todos estavam muito preocupados com Sofia e pensam em um plano para tirá-la de lá. Decidem então mandar Mary Agnes, que é sobrinha do delegado, vestida como uma branca para dizer que Sofia está vivendo uma vida boa demais lá e que o pior que poderia acontecer era ela trabalhar para alguma madame branca. Mary Agnes volta mancando e com o vestido rasgado, ela conta que fez tudo como mandaram e ele a estuprou. Alguns meses depois, Mary Agnes começa a cantar e é incentivada por Shug quando ela volta. Três anos depois, Sofia sai da lavanderia e vai trabalhar para Dona Millie, a esposa do prefeito, cuidando das crianças.

Shug volta com um novo marido, e Sinhô e Celie ficam muito tristes com isso. Shug agora faz muito sucesso cantando Blues e viaja o país inteiro. Ela e Celie conversam muito e em uma dessas conversas, Shug pergunta como era com o pai dos filhos de Celie, ela começa a contar e é a primeira vez que ela fala sobre tudo. Celie chora muito nos braços de Shug e diz que ninguém nunca gostou dela, mas Shug diz que ela gostava e a beija. Elas trocam carícias, dormem juntas e Celie descreve conforto ali com Shug.

Celie acha uma carta de Nettie dizendo que não estava morta e que estava voltando com os filhos dela. Celie descobre que Sinhô disse que não ia entregar as cartas, por isso Celie nunca recebeu nada, mas a irmã continuou escrevendo. Shug

e Celie descobrem aonde ele escondeu todas as cartas e começam a ler. Shug pediu para Celie contar tudo sobre a irmã, e ela conta também sua história com Albert, o Sinhô, e diz não o reconhecer assim. Celie estava com muita raiva de Sinhô e quer matá-lo.

Nas cartas de Nettie, ela conta desde o momento em que foi embora até sua chegada à casa do Reverendo, que se chama Samuel e sua esposa se chama Corrine, e o encontro com os sobrinhos. Eles fazem parte da Sociedade Missionária Africana e Americana e estavam se preparando para ir para a África, e por Nettie sentir que eles são como uma família, ela vai junto. Nettie relata todos os passos até a chegada à África e como foi começar a aprender mais.

Celie chora muito ao ler as cartas da irmã, e Shug a ajuda com tudo isso, dizendo que precisam fazer algo diferente, e assim Celie começa a fazer calças. Ela fica mais viva agora que sabe da irmã e pensa na vida quando ela voltar.

Nettie narra a chegada à aldeia dos Olinka, onde ficariam, conta sobre a história do povo e relata também como todos achavam que as crianças eram parecidas com Nettie, o que incomoda Corrine. Cinco anos se passam e começam a construir uma estrada para plantar seringueiras na aldeia, destruindo qualquer coisa que tivesse no caminho. Isso acaba com as condições de vida dos Olinka, que se veem encurralados, perdem seu espaço e seu povo, que começa a morrer ou fugir. Corrine adocece e já não estava mais tão próxima de Nettie, ela então começa a questioná-la sobre a semelhança dela com seus filhos.

Nettie descobre toda a história verdadeira de sua família e de como Samuel ficou com os filhos de sua irmã. O verdadeiro pai das meninas foi um homem que tinha terras e sabia como fazê-las prosperar, o que incomodava os brancos, por roubar a clientela deles, e, com essa raiva, eles pegaram o homem e seus dois irmãos, que trabalhavam com ele, e os lincharam. Celie tinha dois anos e Nettie estava na barriga. A dor da perda do marido foi tanta que a mãe das meninas nunca mais foi a mesma. Quando Alphonso chegou na cidade ele a deu atenção, se casaram e foram tendo vários filhos. Samuel acreditava que Adam e Olivia eram filhos dela, e quando Alphonso, que ele já conhecia, lhe ofereceu as crianças, Samuel não recusou por ser uma resposta às suas preces, já que não conseguiam ter filhos. Quando Samuel viu Nettie, ele achou que ela era a mãe de verdade e por isso queria ela perto.

Celie fica em choque e muito emocionada com a história de seus pais e por perceber que seus filhos não eram fruto de um incesto. Ela então passa a escrever as cartas para a irmã ao invés de para Deus, e logo conta que foi visitar o padrasto. Chegando lá ela não reconheceu o lugar, que estava muito lindo e florido.

Na próxima carta, Nettie diz que contou tudo para Samuel e Corrine sobre a irmã ser a mãe das crianças, mas Corrine não acredita. Até que Nettie consegue fazer ela se lembrar de quando viu Celie na cidade e Corrine chora e morre em paz.

Anos depois, Sofia volta para casa e suas crianças nem a chamam de mãe, pois não a reconhecem, de tanto tempo que ela ficou presa. Todos se reúnem para jantar e Shug avisa que vai embora e que Celie vai junto. Sinhô fica furioso e ataca Celie verbalmente, mas ela finalmente se defende e fala tudo na cara dele: fala que sabe de Nettie e o condena e o amaldiçoa por todas as suas violências, que enquanto ele ainda fizer mal a ela, tudo que ele tocar vai apodrecer. Mary Agnes avisa que vai também, que quer ir para o Norte cantar.

Celie agora está na casa gigante de Shug com ela. Elas estão muito felizes, trabalhando muito e planejando a vida. Celie fica costurando calças e quando vê está fazendo calças para a família, para a banda, e isso acaba virando um negócio, que a dá vida e independência. Ela até contrata duas pessoas para ajudar, e percebe que está no ápice da sua felicidade.

Celie vai visitar Harpo e Sofia e ele mal a reconhece, pois ela está vestida com suas roupas novas, saudável e feliz, é uma nova feição. Eles falam de Mary Agnes, que está contratada e fazendo sucesso. Sofia fala então da transformação de Sinhô, que parece estar querendo ficar religioso, está mais limpo e arrumado, julga menos as pessoas, arruma a casa, cozinha, lava pratos e tem trabalhado duro, coisa que ele nunca fez. Celie não consegue acreditar no que ouve. É então que Sinhô entra e fala com ela, que consegue perceber medo dela nos olhos dele e eles até conversam, para a surpresa de Celie. Sofia diz que quando Celie foi embora, Sinhô ficava trancado em casa e não deixava ninguém entrar, até que Harpo conseguiu ir, limpou a casa, cozinhou, e lavou o pai. Sinhô não conseguia dormir, ficava ouvindo barulhos que o deixavam perturbado. Harpo ia dormir com o pai e o acolhia nos braços, pois ele ficava encolhido num canto da cama, e foi num desses dias que Sofia viu essa cena e começou a gostar de Harpo de novo. Sofia disse que

Sinhô só melhorou quando Harpo o convenceu a mandar o resto das cartas de Nettie para Celie.

Nettie e Samuel se casam quando foram à Inglaterra em busca de ajuda para os Olinka que estavam em uma situação cada vez pior. Essa viagem é repleta de histórias, começando pela da missionária branca que eles tanto ouviram falar, Doris Baines, e encontraram no barco, e ela conta sua história a eles sobre como queria ser escritora e dona da própria vida e por isso virou missionária. Samuel, em outro momento, conta a história dele e de Corrine. Nettie conta para Adam e Olivia sobre Celie.

Alphonso, o padrasto, morre, e com isso se descobre que Celie e Nettie são donas de toda a propriedade que era na verdade do pai delas e Alphonso nunca tinha falado. Celie vai até lá ver a casa que agora é sua e fica muito feliz. Como diz Shug, ela está andando com a vida direitinho, e é lindo de se ver (p. 244).

Um tempo depois, Shug conta para Celie que está apaixonada por um menino bem mais novo. Ela conta tão empolgada, porque ela conta tudo para Celie, que não percebe que Celie está com o coração partido. Elas choram, mas ainda se amam, e Celie diz que vai amar independente de qualquer coisa, mas elas vão embora e Shug fica longe por meses.

Celie e Sinhô depois conversam mais e ele realmente está mudado. Ele mostra sua coleção de conchas, pergunta se Celie gosta de alguma coisa e a elogia. Sinhô diz que antes era muito idiota para se importar, mas podemos ver como agora ele realmente a ouve e enxerga.

Na próxima carta à Nettie, Celie diz que a única carta que Sinhô entregou na mão dela sobre a irmã era o telegrama dizendo que o navio que trazia ela e a família foi atacado, e todas as cartas que Celie tinha escrito para a irmã voltaram.

Celie sente falta de Shug, que a manda cartões postais, e o único que entende é Sinhô. Eles conversam muito mais agora e Celie diz que não o odeia, apesar de tudo. Eles têm o amor por Shug em comum e conversam muito sobre ela e sobre quando ela chegou à casa deles. Celie diz que Sinhô está mudado e ele mesmo abre para ela como “eu tô convencido que essa é a primeira vez queu tô vivendo na terra como um homem de verdade. É uma experiência nova.” (p. 258). Assim eles vão se entendendo e criando um relacionamento. Sinhô visita Celie na casa dela e eles começam a costurar juntos e dá para sentir uma afeição crescendo

quando eles compartilham histórias. Sinhô comenta que demorou muito para perceber que Celie era uma boa companhia.

Na última carta que temos de Nettie ela diz que Adam, que tinha fugido atrás de Tashi, por quem estava apaixonado e preocupado, finalmente voltou depois de mais de dois meses, e voltou com ela. Eles vão se casar. Adam, que tinha receio de Tashi seguir as tradições dos Olinka e marcar o rosto, faz também as cicatrizes que Tashi tinha feito e promete amá-la em qualquer circunstância que a vida nova nos Estados Unidos traga, pois estão todos voltando.

Sinhô e Shug tentam ter notícias do navio que trazia a família de Celie, mas como eles estão no meio da guerra fica complicado de resolver. Porém Celie não perde nunca a fé de ver a irmã.

Na última conversa que vemos de Celie e Sinhô, ele diz que percebeu como era miserável, e que ninguém o amava. Celie diz que “Se você sabe que seu coração tá sofrido, eu falei, é porque então ele num tá tão estragado como você pensa.” (p. 279). Sinhô entrou em uma questão existencial dentro de suas reflexões, e disse que percebeu que estamos aqui para admirar e para perguntar, e assim se vai aprendendo, e quanto mais se admira, mais se ama e é amado de volta. Celie pensa em Shug e em como se ela voltar ou não, Celie continuará bem, pois ela está bem consigo mesma e com as coisas da vida dela.

Na última carta do livro, Celie dedica a todo o universo e natureza, agradecendo por ter trazido Nettie de volta. As irmãs caem no braço uma da outra em um reencontro de décadas separadas e uma vida cheia. Elas celebraram a família e estão felizes como nunca estiveram.

3.2 Aspectos históricos na obra

O livro é cheio de referências históricas sutis, como as menções aos amigos e conhecidos artistas de Shug Avery, que realmente existiram e foram grandes nomes da onda de Blues e Jazz, como Bessie Smith, Duke Ellington e Sophie Tucker. Mas é a personagem de Nettie que traz consigo essa parte histórica mais forte. Por ser um livro que se passa em cerca de três décadas, ele traz muitos acontecimentos históricos sem ser realmente o foco do livro, mas eles estão ali no plano de fundo.

Nettie sempre representou o lado dos estudos. Ela gostava de estudar e era muito incentivada a isso, sempre incentivando junto a irmã e a ajudando desde quando levou sua professora em casa quando o padrasto tirou Celie da escola, professora essa que diz nunca ter tido alunas como as irmãs que gostavam tanto de aprender. Nettie depois disso continua tentando ajudar Celie, ensinando-a tudo que aprendia sempre que podia. Quando vai à África, ela também ensina as crianças, sendo uma característica bem forte da personagem o ensino e a história.

Essa característica é muito bem apresentada, novamente de maneira sutil, nas cartas de Nettie à sua irmã. As cartas de Nettie são embebedadas de história, que podem passar despercebidas por estarem de fundo, mas estão ali repletas de menções a figuras e momentos históricos.

Já nas primeiras cartas, quando Nettie começa a contar as mudanças de sua vida morando com Corrine e Samuel, ela fala do incentivo deles e fica feliz por ver que há outras realidades e possibilidades. “Ah, Celie, neste mundo tem pessoas pretas que querem que a gente aprenda! Querem que a gente enxergue as coisas com clareza!” (p. 145).

Depois, na sua partida em direção ao Norte, Nettie nos mostra a segregação no caminho e o choque ao chegar lá e ver outra realidade. Ela diz que no trem tinha vagões separados e só os brancos podiam viajar de leito e usar o restaurante, enquanto os pretos viajavam em bancos e tinham que usar banheiros diferentes. Ela se deslumbra e vai conhecendo um mundo que vai cada vez mais expandindo o seu próprio e sua visão, conhecendo a realidade de outros negros. Ao chegar em Nova York, ela já comenta que a cidade é linda e que os negros têm um bairro inteiro só para eles, o Harlem. Ela também narra a qualidade de vida lá que é muito melhor. “Tem mais negro andando de carro de luxo do que eu poderia imaginar existir e morando em casas mais bonitas que qualquer branco da nossa cidade.” (p. 147), e ainda relata a surpresa e felicidade ao ser examinada por um médico negro.

Corrine e Samuel são missionários e, por isso, estão nessa viagem que Nettie embarcou junto. A Sociedade Missionária também cita figuras históricas, como os exploradores missionários David Livingstone, John Hanning Speke, e alguns outros. Nettie sempre expressa empolgação nessas cartas com a Sociedade e diz que o objetivo deles era “uma vida melhor para os negros do mundo todo.” (p. 148).

Já na Inglaterra, ela diz que lá tinha muitos antiescravistas e comenta que brancos e negros usaram os mesmos copos e pratos. Depois, ela cita algumas informações que mostram o histórico da Inglaterra imperialista, com os milhares de artefatos de países por onde outros missionários passaram e que agora estavam em um museu. Há também o comentário de que os ingleses dizem que a África está passando por tempos difíceis e que Nettie diz ter aprendido muito lendo J.A.Rogers, um historiador que de fato existiu e falou muito sobre a África e sua diáspora. “E é fácil eles esquecerem que os “tempos difíceis” da África ficaram mais difíceis ainda por causa deles mesmos.” (p. 150), mostrando que ela sabia a história de verdade. Mais para frente, vemos novamente as marcas do imperialismo quando o povo Olinka perde sua própria aldeia porque agora ela pertencia a um comerciante da Inglaterra que havia comprado todo o território que eles sempre viveram, como se tomando com o seu poder uma propriedade que ele se achava no direito de ter, fazendo o povo ter que pagar aluguel e taxas para viver na sua própria terra.

Na história que Samuel conta a Nettie sobre como conheceu Corrine através de suas tias que também eram missionárias, ele fala de uma vez em uma das reuniões na casa delas que a tia chamou um jovem estudante de Harvard que ele não tinha certeza do nome. A tia contou sobre quando estava na África e o rei Leopoldo da Bélgica a deu uma medalha, e que esse estudante Bill, na sua impaciência, disse a ela que ela deveria se envergonhar porque esse rei cortou as mãos de vários trabalhadores quando achava que eles não estavam produzindo o suficiente, além de ter matado de tanto trabalho vários outros e exterminado milhares de africanos. Esse jovem era ninguém menos que DuBois, que foi o primeiro afro-americano a receber título de doutor em Harvard, e que mencionamos aqui no trabalho.

Nas histórias também temos mencionados algumas vezes povos indígenas, como quando Samuel conta a história do povo Cherokee da Geórgia, que foram forçados a deixar suas terras. Ele relata como eles perderam muitos membros no caminho da viagem e outros foram ficando escondidos com pessoas negras, o que acabou gerando uma miscigenação e apagamento do povo, pois se via cada vez menos deles. Assim muitos descendentes perderam noção do seu sangue indígena, achado que tinham a pele mais clara ou cabelo ondulado por causa de ancestrais brancos e não indígenas.

Há também a questão da escravidão e a postura do povo Olinka que Nettie relata. Ela diz que eles não gostam de ouvir falar sobre isso, o que a chateia, e depois Samuel diz que eles não os veem como irmãos e irmãs que foram vendidos, e perguntam por que eles não falam a mesma língua e não conseguem se lembrar das tradições.

Todo o processo de reconhecimento de Nettie na África traz enriquecimento ao leitor. Também ao ver os olhos e a mente da personagem se abrindo, expandindo e entendendo muita coisa, se surpreendendo e animando de ver tanta gente preta. “Porque eu senti como se estivesse vendo pretos pela primeira vez. E Celie, tem alguma coisa mágica nisso tudo.” (p.151). Ou até mesmo no encanto com a terra, como quando ela descreve o litoral que tocou sua alma.

3.3 O destinatário Deus

Se tratando de uma escrita epistolar, um ponto muito importante quando a analisamos é: para quem são endereçadas as cartas?

Por cerca de metade do livro, Celie endereça as cartas a Deus, e um livro que começa com “É melhor você nunca contar pra ninguém, só pra Deus. Isso mataria sua mamãe.” (p. 35) diz muito do porquê.

A fé e a religião são um aspecto cultural importante que vem da forte presença e relação das igrejas pretas nos EUA. Existe essa característica fervorosa de louvores, e a igreja já serviu muito de lugar de refúgio, com músicas também muito usadas como mensagens de liberdade disfarçadas. Sendo aspectos culturais muito comuns, eles normalizam o pensamento dessa comunicação com Deus como o único que pode ouvir suas dores.

Porém, há também o pensamento de que o que acontece é por vontade divina, e Celie desde o começo da história solta frases como “Deus que fez”, “Deus que levou”, etc., assim ela tomava acontecimentos como inevitáveis e não os questionava. Logo no começo da história, Nettie diz à irmã que ver ela com Sinhô é como a ver enterrada, e Celie responde que enquanto ela puder escrever “Deus” ela tem alguma coisa, o que nos mostra como ela se segurava a isso. Celie diz também que quando Sinhô bate muito nela, ela quer se queixar ao Criador, mas não o faz

por ser seu marido, então ela releva. Todos esses pensamentos mostram esse condicionamento.

Sobre o caráter da carta e os motivos da escrita a quem se escreve, Nettie em uma de suas cartas fala:

Eu me lembro de certa vez quando você me contou que sua vida deixava você tão envergonhada que nem com Deus você conseguia falar a respeito, você tinha que escrever, apesar de achar que você escrevia muito mal. Bem, agora eu entendo o que você quis dizer. E independente de se Deus lê cartas ou não, eu sei que você vai continuar escrevendo, o que é inspiração suficiente para mim. De qualquer forma, quando não escrevo para você eu me sinto tão mal como quando não rezo, trancada dentro de mim mesma, meu próprio coração me sufocando. (p. 143).

Com isso vemos o papel dessa escrita para as irmãs, o bem que fazia a elas, que escreviam para além de contar sobre suas vidas, mas para desabafar. Mesmo com um destinatário que não as responderia, e sem saber sequer se suas cartas seriam lidas e ouvidas, esse ato da irmã motiva Nettie em sua desesperança de um dia a irmã receber as cartas. Ela continua escrevendo, como em um ato de prece a Deus.

Sobre a imagem de Deus, podemos ver uma forma de violência simbólica. Celie pensa na figura de Deus e os anjos como “Anjos todo de branco, cabelo branco e os olho branco, parecendo albino. Deus também todo de branco, parecendo com um grande homem branco que trabalha no banco.” (p. 113). Já Nettie, em uma de suas primeiras cartas, relata sua surpresa ao perceber que na bíblia os etíopes eram pretos, pois a Etiópia era a África, por isso é dito que o cabelo de Jesus era que nem lã de cordeiro, que não é lisa nem anelada. Isso nunca tinha passado pela sua cabeça, e ela conta que os desenhos da bíblia enganam, pois eles são sempre de pessoas brancas, o que leva a acreditar que os personagens da bíblia eram todos brancos, assim, os pretos não se viam nas histórias.

Então Deus não era uma figura que representava Celie e a acolhia, pelo contrário, trazia também uma forma de opressão. No seu ato mais íntimo de se mostrar ao se escrever, ela inconscientemente sofria essa violência. A carta da página 196 apresenta um momento de ápice e reviravolta muito marcante desse ponto.

Depois de todos os acontecimentos revelados na vida de Celie pelas cartas de sua irmã, ela passa a escrever para Nettie ao invés de Deus, e conversa com Shug sobre isso. Celie pergunta quem é Deus e o que ele fez por ela. Shug tenta

fazê-la ver as coisas boas, que ele deu a vida por ela, deu saúde e uma mulher que a ama, e Celie diz:

É, eu falei, e ele me deu um pai linchado, uma mãe louca, um cachorro ordinário como padrasto e uma irmã queu na certa nunca mais vou ver. De todo jeito, eu falei, o Deus pra quem eu rezo e pra quem eu escrevo é homem. E age igualzinho aos outros homem queu conheço. Trapaceiro, esquecido e ordinário. [...] Se ele alguma vez escutasse uma pobre mulher negra, o mundo seria um lugar bem diferente, eu posso garantir. (p. 196).

Celie está nessa revolta com Deus e já não se importa mais de ser escutada falando “blasfêmias” ou não.

Toda minha vida eu nunca me importei com o que as pessoa pensavam de coisa alguma queu fizesse, falei. Mas no fundo do meu coração eu me importava com Deus. O que ele ia pensar. E acabei descobrindo que ele num pensa. Só fica sentado lá na glória de ser Deus, eu acho. Mas num é fácil tentar fazer as coisa sem Deus. Mesmo se você sabe que ele num tá lá, tentar fazer sem ele é duro. (p. 196).

Celie diz a Shug que os pecadores se divertem mais, por não se preocuparem o tempo todo com Deus. Shug responde que, na verdade, quando você entende que Deus te ama, percebe que a melhor forma de agradá-lo é fazendo coisas que você mesmo gosta de fazer, e que você não precisa fazer algo em troca do amor de Deus. Só por admirar o que se olha, ser feliz e se divertir, você pode agradar a Deus. Celie não acredita no que escuta, achando que aquilo era errado. E Shug responde:

Celie, fala a verdade, você alguma vez já encontrou Deus na igreja? Eu nunca. Eu só encontrei um bando de gente esperando ele aparecer. Se alguma vez eu senti Deus na igreja foi o Deus queu já tinha levado comigo. E eu acho que todo o pessoal também. Eles vão pra igreja pra repartir Deus, não pra achar Deus. (p. 197).

Shug pergunta como é o Deus de Celie, e ela o descreve como grande, velho, alto e com barba cinza e branca, usando roupa branca e andando descalço. Shug pergunta se seus olhos são azuis, e ela responde que são cinzentos com pestanas brancas. E Shug diz que ela também via esse velho homem branco como Deus quando ela costumava rezar, e que se ela espera encontrar Deus na igreja é esse homem que ela vai encontrar, pois é ele que está na bíblia branca dos brancos.

Celie não tinha nem cogitado a ideia da bíblia não ter sido escrita por Deus, mas Shug a diz que se não fosse assim as pessoas na bíblia não seriam como eles, e que os negros não apareceriam apenas como amaldiçoados. Shug também diz que se Jesus, que é descrito com cabelos de lã, chegasse em alguma dessas igrejas ele teria que alisar o cabelo para que alguém prestasse atenção nele, e que

“a última coisa que os negro querem pensar do deus deles é que ele tem cabelo pinxaim.” (p. 198).

Shug diz que não tem como ler a bíblia sem pensar que Deus é branco, e que por isso Celie fica chateada sentindo que suas orações não eram ouvidas por ele, pois onde já se viu um branco atender as preces de um preto.

Shug então conta no que acredita que Deus é: uma coisa, nem homem nem mulher:

Deus tá dentro de você e dentro de todo mundo. Você vem pro mundo junto com Deus. Mas só quem procura essa coisa lá dentro é que encontra. [...] Num é uma coisa que você pode ver separado de tudo o mais, incluindo você. Eu acredito que Deus é tudo, Shug falou, Tudo que é ou já foi ou será. E quando você consegue sentir isso e ficar feliz porque tá sentindo isso, então você encontrou ele. (p. 199).

Ela prossegue falando como encontrou Deus na natureza e do dia que se sentiu parte de tudo, como uma experiência transformadora. Diz também que Deus ama inclusive os sentimentos de amor por outras pessoas, no caso entre as duas, e que isso não era indecente, pois ele que fez.

Shug continua, dizendo que Deus ama tudo que você amar, e ama acima de tudo a admiração, que ele gosta que se compartilhe e repare na cor púrpura no campo. É ele que está tentando agradar as pessoas o tempo todo, quando faz pequenas surpresas e as espalha quando menos se espera.

Shug termina a conversa falando que o homem corrompe tudo e por isso você tem que tirá-lo do meio para poder ver alguma coisa. O homem parece estar em todos os lugares que você vê, e de tanto ver isso você começa a acreditar que ele é Deus. Shug diz que toda vez que Celie for rezar e aquele homem aparecer, ela deve pensar na natureza. Celie diz que é muito difícil, pois “ele tá lá há tanto tempo que num quer se mexer.” (p. 201). A ideia do homem branco a impedia de reparar nas coisas que Deus faz.

E assim Celie começa um caminho de fazer as pazes com Deus e entender sua grandiosidade presente no mais simples do dia a dia, e que até a maldade de Sinhô fica menor. Depois desse momento ela começa a escrever amém no final de suas cartas.

Nettie mais para o final do livro, também fala que Deus agora é algo diferente para ela, Samuel e suas crianças. Depois de toda a experiência com as viagens e aprendizado com os Olinka, por não terem rejeitado a fé deles e aprendido outras formas de expressão desse Deus, Nettie diz que agora é algo mais espírito e interno

que antes, e que não estão mais presos na ideia de que Deus é alguém ou uma coisa, e isso é libertador.

A partir então de quando Celie descobre a história de seu pai, ela para de escrever a Deus e começa a escrever à sua irmã, e só volta a falar com Deus no final, quando Nettie chega. Ela escreve “Querido Deus. Queridas estrela, queridas árvore, querido céu, querida gente. Querido tudo. Querido Deus.” (p. 282), entendendo Deus como a natureza e tudo que a cerca.

3.4 Os papéis de gênero

Durante todo o livro, os personagens constantemente falam e reforçam ideias misóginas. Vemos o detrato dos personagens masculinos com Celie, que nem é vista como gente, e há também, o reforço da ideia de como uma mulher deve se comportar e o que ela deve fazer.

Exemplos dessas falas que diminuem as mulheres são, por exemplo, a do padrasto de Celie ao se referir à professora dela, que diz que ninguém vai escutar o que ela tem para dizer porque ela é mulher, que ela fala muito porque nenhum homem a quis e é por isso que ela tem que dar aula na escola. É como se a mulher devesse existir para o homem e apenas isso, e se ela não faz isso ela é uma fracassada. Esse pensamento também é mostrado pelos Olinka, que acreditam que uma menina não é nada para ela mesma, e que só pode se tornar algo para seu esposo, e esse algo é mãe de seus filhos. A mulher existe para servir o homem, é uma relação de submissão que sequer permite que eles (Olinka) mandem suas meninas para a escola, porque ninguém gostaria de ter uma esposa que sabe tanto quanto os maridos.

Temos também comentários como o das irmãs de Sinhô. Elas falam que a última esposa de seu irmão era desleixada, e não sabia cuidar das crianças, deixando-as sujas, doentes e com fome, além de não saber cozinhar. Em contraste, citam como Celie era boa por fazer tudo isso, pois “quando uma mulher casa ela deve trazer a casa decente e a família limpa.” (p. 52).

Outras falas e atitudes pontuais que transparecem a noção dividida de gênero são a associação da força e poder como algo dos homens. Vemos isso quando Harpo e Sofia brigam e Celie diz que eles lutam como dois homens, além de quando

Sofia quer levar o caixão de sua mãe com as irmãs, e Harpo comenta que é algo de homem ter essa força, que as mulheres são mais fracas e elas têm é que chorar, e não tentar dominar. Sempre há a comparação de Sofia e sua força como sendo algo “de homem”.

Já na África, quando a mãe de Tashi fica viúva ela pode fazer o que quiser, e é dito que ela virou um “homem honorário” já que não vai mais se casar, tendo em vista que já teve cinco filhos homens, como se já tivesse cumprido seu papel de mulher. Nessa mesma linha, a missionária Doris, que tem um pseudônimo masculino para escrever histórias de sucesso, por ser bem diferente do que os homens estavam acostumados como uma mulher deveria ser, é presenteada com duas esposas, como seria um homem de respeito. É como se não a considerassem mulher por causa do poder e liberdade que ela exercia.

Shug Avery, que é uma personagem muito livre, fala com quem quer e como quer e acaba trazendo vários comentários dos outros personagens sobre isso. A própria Celie inicialmente diz que Shug às vezes fala e age como homem quando fala que uma mulher é gostosa, ao invés de falar sobre cabelo ou filhos, como as mulheres deveriam fazer. Mas já no final do livro, Sinhô comenta que ama esse jeito dela de ser direta e honesta, falando o que pensa sem se importar, arrumando briga e estando decidida a viver sua vida sendo ela mesma, que faz Shug ter mais jeito de homem do que muitos homens. E Celie rebate que nem Harpo e nem Sinhô são assim, então isso não pode ser jeito de homem, é jeito de mulher, porque Shug e Sofia são assim. Sinhô diz que elas não são nem como os homens e nem como as mulheres, e Celie responde que ele quer dizer que elas não são nem como Sinhô nem como Celie, elas são diferentes, não dependem de ninguém. (p. 266-267).

Outro detalhe de diferença dos gêneros que chama atenção nas cartas de Celie é como há muitos nomes de homens ocultados. Essa ocultação acontece até mesmo nos sobrenomes das esposas algumas vezes. Isso traz uma anonimidade para os homens da história.

Há muitos personagens masculinos nomeados, como Harpo, que sabemos o nome desde o começo, e alguns a gente descobre no decorrer da história, como o do reverendo que se chama Samuel. Porém, a primeira vez que lemos o nome de Sinhô não só o leitor estranha como a própria Celie também, quando escuta Shug o chamar pelo nome. O mesmo acontece com seu padrasto, ela sequer reconhece

essa identificação. Então conhecemos muitos personagens como Reverendo___, Sinhô___, Seu ___, que mesmo tendo seus nomes ditos por outros personagens, Celie continua a os escrever assim, como é o caso de Albert, que ela chama de Sinhô___ até o final do livro, o chamando pelo nome apenas nas últimas páginas.

A nomeação é uma questão também mostrada na personagem feminina de Mary Agnes. Ela, cujo apelido é Tampinha, é incentivada por Celie a falar para Harpo a chamar pelo seu nome para que ele a enxergue. É depois de um momento de violência sofrida por ela que ela exige ser chamada pelo nome, após ela perguntar para Harpo se ele a ama e ele responder usando o apelido. Isso mostra que essa ocultação invisibiliza, como que não enxergando a personagem como uma pessoa e digna de respeito. O uso do nome traz respeito e de certa forma reconhecimento.

3.5 Violências

O livro traz vários tipos de violência, como as já citadas violências sutis de papéis de gênero, que são violências simbólicas, e outra forma que essa violência aparece é através do silenciamento de Celie, que só fazia o que era mandada para sobreviver.

Quando dizem a Celie para ela reagir e se defender, que ela que tem que lutar por si mesma, ela pensa na irmã, que achava estar morta, que brigou e reagiu, e por isso Celie não faz nada, mas está viva. "Tudo que eu sei é como continuar viva" (p. 50). É um processo de lavagem cerebral que faz o oprimido acreditar que está melhor assim do que se tentar sair desse lugar de violência, mas como a julgar se ela vê isso e vive essas violências constantemente? Quando Sofia vai presa, ela diz que está fazendo tudo como Celie, obedece tudo que a mandam fazer, é a melhor prisioneira que eles já viram, usando uma analogia perfeita para a situação de Celie: presa.

Sofia é outra personagem que fala, ao contar a história da sua família, que "Uma criança mulher num tá sigura numa família de homem." (p. 70). Desde os abusos do padrasto, Celie sequer entendia o que estava acontecendo com ela. "Nettie inda num entendia. Nem eu. Tudo que a gente via é queu tava duente todo o tempo e gorda." (p. 44). Isso mostra como as vítimas da violência muitas vezes não

sabem mesmo o que acontece com elas. Essa violência que Celie teve que viver desde nova e carregou a vida toda, era levada em silêncio, o que sequer dá espaço para a vítima processar, e vemos essa dor quando Celie finalmente fala sobre isso em voz alta com alguém. Em uma cena muito forte ela conta para Shug e abre as portas para o choro, talvez pela primeira vez percebendo tudo que aconteceu com ela. Além da dor da violência em si, ainda tem a vergonha que Celie sente dos filhos, justamente por eles terem vindo dessa violência, o que acaba sendo mais uma violência psicológica nela.

Celie foi diminuída a vida inteira. O padrasto dizia que ela era feia, não era esperta, era mentirosa, até Shug a primeira vez que a vê olha Celie de cima a baixo e diz que ela é mesmo feia, reforçando o que já falavam muito para ela. E de tanto ouvir de várias pessoas por vários anos, você acredita.

Ademais sobre a violência física, em uma conversa entre Harpo e Sinhô, ele pergunta por que o pai bate em Celie, e ele responde que é porque ela é mulher dele, além de ser teimosa. Bate basicamente pelo fato de ser mulher. Essa conversa reverbera no relacionamento de Harpo com Sofia. Eles, que são tão apaixonados um pelo outro, se amam, mas tem o relacionamento corrompido por essa ideia. Harpo acha que tem que bater em Sofia para fazê-la obedecer, que é o que seu pai e depois Celie o dizem, por isso eles vão perdendo esse amor e o relacionamento vai virando algo desgastante. Por mais que Celie perceba como os dois se gostam e são felizes assim, por mais que saiba que Sofia não é como ela que só abaixa a cabeça, obedece e tem medo, ainda assim ela diz para Harpo que deve bater em Sofia. Eles não são assim inicialmente, porém há essa pressão dos outros para que isso encaixe, e a gente vê como isso cascata em vários problemas nesse relacionamento mais para frente na história.

Todas essas violências casam na interseccionalidade, que é exemplificada muito bem na cena em que Sinhô está atacando Celie quando ela disse que ia embora com Shug e ele diz “Olhe pra você. Você é preta, é pobre, é feia. Você é mulher.” (p. 210), usando mulher como o último da lista, como sendo o pior que se pode ser, mas ainda assim não estando só, é um conjunto somatório das outras categorias que ele fala também.

A escritora bell hooks (2019) fala da desvalorização contínua da mulher negra que vem desde os tempos da escravidão, com a imagem que homens e mulheres

brancos pregavam que criava ódio às mulheres pretas. Além disso, a sociedade as culpava por estupros, como vemos quando o padrasto de Celie diz que ela que o provocava. Esse ódio para com a mulher negra é visto também na fala de Sofia contando de seu próprio pai. "Ele tem ódio das criança e tem ódio do lugar de onde elas vieram." (p. 71).

3.6 Racismo

Outra violência presente no livro com frequência é o racismo, que aparece tanto vindo dos brancos quanto dos próprios negros. Essa é uma característica típica da violência simbólica, de uma sociedade em que já se acostumou a viver com esses pensamentos de preconceito racial.

A Cor Púrpura nos mostra o racismo desde a visão que se tem por parte de alguns personagens, mas também como um pensamento não incomum de se ver, de que a África é um lugar cheio de bárbaros que não usam roupas, que são selvagens, desengonçados e incapazes. O livro mostra também o descaso que já era sabido com os negros, na fala simples de Celie que "negro num conta pra essa gente." (p. 277). Outro momento que vemos esse pensamento racista encravado na sociedade é quando Corrine fica com raiva e magoada com o tratamento do vendedor de uma loja com ela, pois "Eu estava agindo como alguém porque eu era a esposa do Samuel, e formada no Seminário Spelman, e ele me tratou como uma negra ordinária." (p. 191).

Quanto aos comportamentos e expectativas em relação à raça, temos a situação de quando Celie conta dos estupros de seu padrasto, e Shug diz que achava que só homem branco fazia essa monstruosidade, pensamento que vem dos tempos da escravidão, no qual as negras escravizadas eram vítimas regulares desse ato. Em contraponto, fatores positivos associados ao homem branco e negados aos pretos, é o fato de, por exemplo, quando Celie chega na casa de sua infância, que está reformada, e diz que deve ser a casa de algum branco, devido a beleza e qualidade do lugar. Vemos o estranhamento de negros fazendo algo associado aos brancos também na história dos Olinka, como na ocasião em que eles dizem que não sabiam que missionários poderiam ser pretos, e ainda mostram a intolerância dos brancos que não os deixavam fazer suas cerimônias.

Na história há muito também a questão do colorismo, que quanto mais escuro pior e mais claro melhor. A personagem Mary Agnes é descrita tendo pele clara e até conseguem a vestir de “branca” para ir à delegacia. A ela vemos vários comentários do tipo “Depois, você veste Mary Agnes do jeito que deve ser e você vai fazer rios de dinheiro. Sarará como ela é, cabelo arrumado e olhos nublado, os homens vão ficar louco com ela.” (p. 132), chegando até o ponto dela perguntar a Harpo se ele a ama mesmo ou era só pela sua cor. Do outro lado da moeda, temos também comentários em relação à pele mais escura. Como as irmãs de Sinhô dizendo que a mãe de Harpo é bonita, mas não tão bonita porque ela era muito preta. E também há a fala de Tashi sobre seu receio de ir para os EUA porque ela via nas revistas que os pretos não admiravam os pretos retintos como ela, especialmente as mulheres retintas, e que eles tentam parecer brancos. Dentre os vários comentários em relação à cor da pele e a beleza, Shug, como bem característico de sua personagem, é uma quebra a esse pensamento. Ela, que também é descrita com a pele bem retinta, até elogia a beleza de Annie Julia, mãe de Harpo.

A personagem Dona Millie, esposa do prefeito, e sua família são a representação dos brancos racistas e do pensamento segregacionista do Sul. Sofia diz que “Eles tem o desprazer de querer fazer a gente pensar que a escravidão acabou por nossa culpa. Que a gente num teve juízo bastante pra fazer ela durar.” (p. 122). Sofia ao ser presa vai trabalhar na casa de Dona Millie e fica lá por quase doze anos em uma situação análoga à escravidão, onde ela não podia sequer ver os filhos. O único momento que ela relata que os viu foi por 15 minutos, que Dona Millie deu a Sofia como um “presente”. Ademais, Dona Millie explicita seus pensamentos racistas quando pede ao marido um carro novo porque se Sofia e os pretos tinham um, ela tinha que ter também. Depois disso ela, que sequer sabia dirigir, pede para Sofia a ensinar, e Sofia assim faz sentando na frente ao lado dela. Porém quando Dona Millie vai deixar Sofia em casa para seu “presente” e ela senta no banco da frente, Dona Millie diz que “Nós estamos é no Sul. [...] Olha onde você tá sentada. [...] Alguma vez você já viu uma pessoa branca e uma negra sentada lado a lado num carro [...]?”. (p. 124). Depois dessa situação, o carro estraga e Sofia oferece a família para levá-la embora, mas Millie diz que não pode andar em um carro com um preto desconhecido.

A filha de Dona Millie, Eleanor Jane, cresceu com Sofia tendo que cuidar dela, e depois ela já adulta, tenta fazer Sofia gostar de seu filho, mas Sofia diz que o que ela acha dele não vai mudar a maneira como ele vai a tratar quando crescer. Eleanor Jane rebate que toda mulher negra que ela conhece gosta de criança, e que essa atitude de não gostar não é normal. Tempos depois as duas se acertam e Eleanor Jane até ajuda a cuidar da filha de Sofia, o que causa incômodo nos brancos, pois acham um absurdo uma branca trabalhando e cuidando de pretos. Essa dinâmica de Sofia com essa família é interessante para mostrar como ela, que sempre foi uma personagem muito forte e que não se dobrava para nenhum homem preto, ficou subordinada às vontades dessa mulher branca, o que nos mostra a interseccionalidade das opressões de gênero, raça e classe trabalhando juntas, mas de maneiras diferentes.

É interessante que no final do livro a filha de Harpo pergunta por que sempre tem reunião de família no Dia da Independência. Ele responde que é porque os brancos estão tão ocupados comemorando a independência deles que aí a maioria dos pretos não tem que trabalhar, e então eles celebram um ao outro (p. 284).

3.7 Sexualidade

Um ponto importante da história também é a sexualidade de Celie, que é despertada por Shug. Porém desde antes, Celie já dizia que olhava para mulheres, mas ela não entendia o sentimento e sequer achava que podia sentir aquilo, por pensar ser algo errado. Durante vários momentos na narrativa ela expressa como não gosta de homens e não tem atração por eles. Em conversas como as com Sofia, que fala do seu relacionamento com Harpo, Celie diz que não sente nada daquilo que Sofia descreve e que o sexo com Sinhô era algo que ele fazia por ele. Celie, que quando foi dar banho em Shug travou ao vê-la pelada, ainda diz que “a única vez que sinto uma coisa atijando lá embaixo é quando eu penso na Shug.” (p. 93).

Depois de ficarem mais próximas, Shug conversa com Celie sobre sexo e explica para ela sobre “o botão” que lhe dá prazer, trazendo mais descobertas para a personagem e um incentivo ao amor próprio. Celie, se percebendo mais, começa a contar também de quando essas sensações de excitação e atração afloram em

relação a Shug, e as duas ficam mais íntimas com o tempo, até que um dia dormindo juntas, elas se abraçam e trocam carícias.

Shug é a grande paixão de Celie. Desde quando Celie pega sua foto ela se encanta e sonha com Shug. Ela acha Shug extremamente linda, a mulher mais linda que ela já viu, e tudo que quer é ficar a olhando, seja na foto, seja em um show, e ainda quando elas não se conheciam, quando Sinhô voltava de ver Shug, Celie queria saber tudo e fazer um monte de perguntas sobre ela.

Quando Shug está chegando na casa de Sinhô, Celie se preocupa em se arrumar e ficar mais bonita para ela, de uma maneira mais apresentável. Seu coração acelera por Shug, ela fica triste e sente ciúmes várias vezes ao perceber que Shug não olhava para ela ou que estava com outra pessoa. É uma mistura de sentimentos de quem ama, e quando Shug conta para Celie que está amando outra pessoa e conta todas as histórias dessa paixão, Celie sente também raiva, mas depois entende que Shug está no direito dela de ser livre para amar e demonstra muita consciência e não egoísmo ao deixá-la livre. “Quem sou eu pra dizer pra ela quem ela deve amar? Meu negócio é só amar muito ela e de verdade, eu mesma.” (p. 266).

Elas, ao decorrer da história, viram amigas confidentes, família. Elas se amam. Shug ajudou muito Celie, foi compreensiva e a incentivava a lutar por si, apoiando também nos momentos difíceis. Foi para Shug que ela contou a primeira vez sobre o padrasto, e ao encontrar conforto nos braços da amada, Celie diz que “parecia como o céu deve ser parecido.” (p. 131). Foi Shug também que quis saber mais sobre Nettie, a pessoa que Celie mais amava, e demonstra muito carinho e cuidado com ela durante esse processo de descobrir as cartas de sua irmã e tudo que veio junto. Shug demonstra muito apoio a Celie, ela a viu quando nem Celie se enxergava. E Shug que deu a ideia a Celie de costurar calças e seguiu a incentivando com o negócio, querendo ajudar e divulgar para o mundo, fazendo crescer como ela podia.

3.8 A jornada de liberdade de Celie

Já na primeira carta de Celie, ao contar dos abusos e violências de seu padrasto, ele a diz “é melhor você calar a boca e acostumar.” (p. 35), e foi o que ela

fez com todas as violências de sua vida. Ela obedecia e se comportava apenas para sobreviver, assim, vemos o silenciamento de Celie. É como sua irmã diz, ela parece enterrada.

Durante o começo da história, percebemos uma grande apacidade de Celie, que não sente nada nem por si nem pelas pessoas ao redor, a única pessoa que quebra isso inicialmente é Nettie, e depois Shug. É como se ela mesma não se permitisse sentir as emoções, talvez como forma de precaução, ou talvez ela só não soubesse o que sentir, porque nunca houve espaço para tal coisa dentro dela, para entender e cultivar seus sentimentos. Quando Sofia pergunta a Celie o que faz quando sente raiva ela responde que nem se lembra quando foi a última vez que sentiu isso. Ela foi reprimindo o sentimento porque não podia senti-los, como quando tinha raiva dos pais e ignorava para não desobedecer a bíblia, e assim toda vez que ela ficava com raiva adoecia, então foi simplesmente parando de sentir e nunca mais sentiu mais nada. São poucos os momentos que vemos Celie até mesmo sorrir.

Um dia uma das irmãs de Sinhô leva Celie para comprar roupa e, inspirada em Shug, ela quer algo púrpura ou vermelho, mas Sinhô não pagaria por essas cores por serem alegres demais. Celie leva uma cor mais suave e neutra e fica feliz por ter sido a primeira roupa que ela ganha totalmente para ela, sem ser algo já usado. Esse momento significa muito para Celie, é a primeira vez que ela é enxergada e digna de algo, e a irmã de Sinhô diz que ela merece mais.

Ao longo da história, vemos outros pequenos momentos de Celie sendo enxergada, o que é de extrema importância. O simples fato de Sinhô perguntar algo a ela pela primeira vez é uma maneira de ser vista, e quando você é vista você existe, o que desperta até dentro da própria pessoa. E Celie não tinha isso, ela se acostumou a não existir dentro dela.

As personagens femininas são muito importantes na existência uma da outra, elas vão se ajudando, se transformando, e uma ajuda a libertar a outra. É como Sofia faz com Celie, que desde a primeira conversa das duas após Sofia descobrir que Celie disse a Harpo para bater nela é como se Celie começasse a perceber a sua e outras realidades. O que começa como uma desavença acaba virando uma conversa em que elas se entendem mais e a partir dali viram mais próximas. A união das mulheres nesse livro é uma base que traz e expressa apoio entre elas, um

conforto e compreensão em meio a tanta violência e que possibilita a mudança em direção à liberdade.

As personagens de Sofia, que representa força, e de Shug Avery, que representa libertação, são uma quebra em relação aos comportamentos esperados de uma mulher. Elas não obedecem, brigam, e fazem o que elas querem, sendo um contraponto de Celie, o que acrescenta muito à personagem, que tem Shug como inspiração. Shug foi importante na libertação não só de Celie, mas de Mary Agnes também, que Shug incentivou e ajudou na carreira de canto. Mary Agnes é outra personagem que vemos se transformando e se empoderando, se apropriando de si, como Sofia e Shug já eram. Até Celie influencia Mary Agnes, quando dá voz para ela exigir ser chamada pelo seu nome e conseguir respeito de alguma maneira.

O despertar de Celie já estava sendo trilhado, mas só acontece de fato quando ela descobre que sua irmã está viva. Nettie era a única pessoa que Celie amava e quando descobre que ela esteve mandando cartas todos esses anos ela levanta a cabeça. Celie fica com vontade de matar Sinhô, o que Shug impede de acontecer, e até diz que passou o dia agindo como Sofia. Foi preciso mexer com sua irmã para que Celie começasse a reagir.

Depois que Celie começa a escrever para a irmã ela parece até escrever mais, fala mais de si e está mais animada. Ela conta e sente ao invés de só observar e relatar como parecia fazer antes, agora ela quer compartilhar com a irmã e tem uma razão para viver sua vida.

Ao revelar que está indo embora com Shug, Celie não fica calada e usa sua voz para se defender de Sinhô, que a ataca verbalmente de maneira muito agressiva. Ela já não mais abaixa a cabeça e fala várias coisas na cara dele. É como verbalizar sua libertação que já vinha acontecendo internamente.

A costura foi um fator importante para Celie. Inicialmente aparece como algo normal que ela fazia, quando costurava vestidos para Shug e colchas de retalho, e acabou virando um escape para distrair sua mente da raiva que sentia de Sinhô quando ela descobre as cartas da irmã. Shug que sugere que elas façam uma calça para Celie, que era vista como algo de homem, mas isso fica tão forte nela que ela começa a fazer muitas calças e faz para todo mundo da família. Ela é muito boa nisso e acaba virando seu trabalho e sucesso, trazendo independência financeira para Celie. A costura então durante o livro acaba tendo esse papel de costurar

relações mesmo, começou com uma colcha com Sofia depois que elas conversaram a primeira vez para se entenderem, e terminou até costurando com Sinhô, criando os laços deles.

O relacionamento de Celie com Sinhô teve uma mudança muito inesperada no final da história. Ele que sempre a tratou mal e era violento com ela de várias formas, vai aos poucos melhorando depois que Celie vai embora com Shug e ele sente as consequências de seus atos e da maldição de Celie. Ele percebe que foi um idiota que não se importava e pela primeira vez na história começa a de fato conversar com Celie, que expressa essa surpresa ao contar para a irmã que ele fazia perguntas para ela e queria saber das coisas. Ele admite suas faltas e agora trabalha, cuidando de si e da casa, e também comenta que está vivendo como homem pela primeira vez na vida, e diz que é algo novo para ele. Celie conta as histórias de Nettie para Sinhô, e o relacionamento e cumplicidade deles é tanta e cresce de tal forma que ele até chega a pedi-la em casamento de novo, mas dessa vez para ser de verdade. Nessas últimas páginas Celie passa a chamá-lo de Albert. Ele se abre com ela e compartilha suas dúvidas existenciais que o fizeram repensar a vida toda. Esse é um relacionamento que foi muito possibilitado e aproximado por Shug, que era algo que eles tinham em comum, o amor por ela, como a primeira vez que eles se sentem próximos que é ao defendê-la. No final eles até se abraçam quando ele está fazendo um molde de camisa para as pessoas usarem com as calças de Celie.

Uma das calças que Celie costura é para Sofia, com uma perna púrpura e outra vermelha, sendo as cores de vestido que ela queria no começo do livro, que são cores fortes e que “não podiam” ser usadas, e representam muito bem a personagem.

Celie encontra a felicidade, e a leva até o leitor também quando escreve à sua irmã “Querida Nettie, eu tô tão feliz. Eu tenho um amor. Eu tenho um trabalho. Eu tenho dinheiro, amigos e tempo. E você tá viva e logo vai voltar pra casa. Com nossas criança.” (p. 217). Celie já se enxerga como mulher, vê e reconhece seu corpo, floresce com a vida e se ama. Por conseguinte, vemos no final em sua casa um reflexo disso, com seu quarto sendo púrpura e vermelho, uma representação de liberdade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Cor Púrpura é um livro que consegue reunir em seu enredo vários assuntos diferentes e congruentes, tornando-se uma história extremamente rica, com vários ensinamentos e percepções sociais e culturais. Com tantos temas presentes e abordados de maneira tão bem costurada, é uma leitura que toda vez que é feita pode trazer algo novo ao mesmo leitor.

Como dito por Vanessa Martins (2011, p. 68) “o texto literário revela e insinua as verdades da representação ou do simbólico através de fatos criados pela ficção.” Por isso, vemos que *A Cor Púrpura* é uma obra que é reflexo do contexto histórico de seu país de origem e das ondas de expressão artística e social afro-americanas, como vimos no decorrer deste trabalho.

Através dessa narrativa epistolar, Walker traz com as cartas um processo de relato e entendimento em busca de si que traz uma revolução interna e libertadora. Se não fossem as cartas na história, muita coisa o leitor não saberia e a própria personagem também não perceberia. A escrita de Celie então foi além de proporcioná-la uma fuga e conforto ao tentar um diálogo de si com outro ser distante, vimos através da escrita a personagem se escrever, se enxergar e se libertar.

Das conclusões sobre a história, podemos ver também que, dentre as violências escondidas na narrativa de Celie, de certa forma o próprio destinatário Deus também a oprimia, pela imagem e noção que ela tinha construída de Deus. Ao entender as raízes desse pensamento ela também se libertou, e pôde ter uma relação mais sincera, pura, e livre com o Criador, a natureza e a vida, derrubando a imagem de Deus e entendendo Deus.

Celie passa a viver a vida ao invés de só sobreviver. O título do livro remete a isso, a cor púrpura representa a força da transformação e da existência de Celie, que amava a cor desde quando a quis em uma roupa, e sempre a destaca quando fala das maravilhas do Criador. No final, mostra como ela, ao pintar seu quarto inteiro com a cor, se tornou livre, feliz e em união com a natureza e a beleza dessa cor vibrante presente em pequenas coisas em todo lugar. Celie e a cor púrpura são uma expressão do amor de Deus e também expressam essa radiação, estão na sintonia falada por Shug.

A troca da forma que Celie chama Sinhô é muito significativa justamente por tirar o peso da opressão e de figura ruim na vida dela. A ocultação do nome pode ter sido como uma forma de não concretizar ao não mencionar o opressor, ou uma forma de diminuir-se perante ele, não sendo digna de mencioná-lo, ou também forma de diminuí-lo para não validar e tornar tão real as opressões daquela vida, como maneira de não reconhecer. O fato é que onde eles dois chegam no final, a relação deles, foi um caminho que tanto ela sozinha, depois ele sozinho, quanto ela com ele traçaram e conseguiram encontrar paz, se entenderam. É um relacionamento que agora de fato existe e sem as marcas de opressão.

Já as mudanças das mulheres presentes na história, com elas se libertando e se transformando, muda não só a vida delas, mas as de quem estiver ao seu redor e, também, de suas descendentes. Quando veem o exemplo e já aprendem a não aceitar menos do que aquilo, elas aprendem a buscar uma vida e liberdade para si. Como é o caso das crianças menores de Sofia e Mary Agnes que veem Celie, Shug e Mary com sucesso, bem-vestidas, e viajando o país, sendo todas exemplo de força. Assim também como Nettie que ensinava Olivia, e essa passou para Tashi, que virou exemplo para outras meninas estudarem na aldeia e assim sucessivamente. É uma cadeia que uma vez iniciada não para, e transforma todas as gerações seguintes sendo, assim, revolucionário.

O caminho trilhado na história por Celie de autodescoberta, autoaceitação, e autoafirmação, exige muita força e é um processo de grande desconstrução, reconhecimento de dor e coragem. Vemos uma mulher que sai de um lugar de violências físicas, sexuais, espirituais, mentais, psicológicas e etc., para um lugar de liberdade. É uma grande luta a se travar, e ela consegue, tendo como vitória sua própria vida para viver.

Por isso a importância de falarmos dos termos e teorias aqui mencionados. Através dessas leituras e socialização, o conhecimento da própria história é uma arma muito poderosa contra essas violências e a favor da legitimação da nossa existência, que é o que acontece com Celie no decorrer do livro. É preciso que conheçamos as múltiplas realidades que nos cercam para uma melhor existência de todos.

Sobre a escrita feminina nesse formato íntimo, ela nos possibilita até mesmo um olhar para questões simples como a menstruação, que é citada no livro

justamente quando uma personagem conta como não se deve falar sobre isso para não trazer incômodo ou vergonha a nenhum homem, por isso deve fingir que nada está acontecendo. Mas a importância da onda de produção afro-americana feminina vai além disso, ela traz à tona a violência simbólica e a invisibilidade das interseccionalidades. Podemos colocar a fala de Audre Lorde (1984):

E onde as palavras das mulheres estão clamando para ser ouvidas, cada um de nós deve reconhecer nossa responsabilidade de buscar essas palavras, de lê-las e compartilhá-las e analisá-las em sua pertinência para nossas vidas. Que não nos escondamos atrás das zombarias de separações que têm sido impostas sobre nós e que tão frequentemente aceitamos como nossas. [...] O fato de que estamos aqui e eu falar essas palavras é uma tentativa de quebrar aquele silêncio e criar uma ponte para algumas dessas diferenças entre nós, pois não é só a diferença que nos imobiliza, mas o silêncio. E há muitos silêncios a serem quebrados ⁶ (LORDE, 1984, p. 43-44, tradução nossa).

O livro é de grande importância para o reconhecimento e identificação do leitor não apenas que passa por uma situação parecida com a de Celie ou de alguma personagem, mas é uma história tão íntima, completa e libertadora, que quebra correntes dentro de nossas cabeças em relação a preconceitos e visões que temos. É um livro que traz um conforto ao se perceber que não se está sozinho, ao ler em uma narrativa de uma mulher em outro país em outro século, pensamentos que você também talvez já tenha tido, percebendo semelhanças da experiência de opressão racista e sexista, e isso é libertador também para o leitor, que consegue ver e entender que sua dor é real e pode ser falada, e assim o próprio leitor começa a travar também seu caminho de libertação. Langston Hughes muito sabiamente diz:

Mas a meu ver, é o dever do jovem artista negro, se ele aceita quaisquer deveres de pessoas de fora, mudar através da força de sua arte aquele velho sussurro “Eu quero ser branco”, escondido nas aspirações de seu povo, para “Por que eu deveria querer ser branco? Eu sou negro – e lindo!”⁷ (HUGHES, 1926, p. 212, tradução nossa).

⁶ No original: “*And where the words of women are crying to be heard, we must each of us recognize our responsibility to seek those words out, to read them and share them and examine them in their pertinence to our lives. That we not hide behind the mockeries of separations that have been imposed upon us and which so often we accept as our own. [...] The fact that we are here and that I speak these words is an attempt to break that silence and bridge some of those differences between us, for it is not only difference which immobilizes us, but silence. And there are so many silences to be broken.*”

⁷ No original: “*But, to my mind, it is the duty of the younger Negro artist, if he accepts any duties at all from outsiders, to change through the force of his art that old whispering “I want to be white,” hidden in the aspirations of his people, to “Why should I want to be white? I am a Negro – and beautiful!”*”

Podemos ver nos dias atuais como ainda se faz necessário se manifestar pela vida preta, como o movimento *Black Lives Matter* nos Estados Unidos que luta contra a violência e o racismo que ainda se perpetua, além do fim da violência policial e ódio racial que ainda assassina muitos pretos e pretas no país, com as mulheres inclusive ainda sendo esquecidas e suas mortes sendo dadas menos atenção, como fala Crenshaw (TED, 2016) dando voz ao movimento #sayhername. E a luta continuará, como disse Martin Luther King Jr. (1963) “Não haverá descanso até que o negro seja garantido os seus direitos de cidadania. Os redemoinhos de revolta continuarão a abalar os alicerces de nossa nação até que o brilhante dia da justiça emerja.”⁸

Hoje, com a ajuda da internet, essas conversas estão mais espalhadas e cada vez mais se fala sobre isso, trazendo visibilidade às questões e às realidades de muitas mulheres e outras pessoas das interseccionalidades. Quando não se dá nome a um problema você não vê esse problema e, portanto, não consegue resolvê-lo, por isso é importante falar sobre esses assuntos. Obras como *A Cor Púrpura* e a representatividade que trazem são importantíssimas para a transformação de realidade e por trazer possibilidades de futuros melhores e mais libertos aos negros e negras ao redor do mundo.

⁸ No original: “*There will be neither rest nor try America until the Negro is granted his citizenship rights. The whirlwinds of revolt will continue to shake the foundations of our nation until the bright day of justice emerges.*”

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Jandaíra, 2019.

B. HIGH, Peter. The Twentieth-Century Black Writer. *In: An Outline of American Literature*. New York: Longman, 1986. p. 211–221.

BOURDIEU, P.; EAGLETON, T. A doxa e a vida cotidiana: uma entrevista. *In: ŽIŽEK, S. (org.). Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007. p. 265-278.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. São Paulo: Bertrand Brasil, 2003.

The Combahee River Collective Statement. *In: PLURAL*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.26.1, 2019, p.197-207.

CRASH COURSE. **The Great Migration**: Crash Course Black American History #24. YouTube, 6 nov. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Woh63FIFDBk&ab_channel=CrashCourse>. Acesso em: 9 jan. 2023.

CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Estudos Feministas. Ano 10 vol. 1, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 jan. 2023.

CULLER, J. **Teoria literária**: uma introdução. São Paulo: Beca Produções Culturais, 1999.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Por hoje é só. Cartas entre amigas. *In: BASTOS, M. H. C./CUNHA, M. T. S./MIGNOT, M.C.V. (Org.). Destinos das letras – história, educação e escrita epistolar*. Passo Fundo: UPF, 2002.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DINIZ, Ana. Entrevista concedida ao Insper, jul. 2022. Disponível em: <https://www.insper.edu.br/noticias/voce-sabe-o-que-e-interseccionalidade-entenda-por-que-isso-e-importante/>. Acesso em: 20 jan. 2023.

HOOKS, bell. **E eu não sou uma mulher?** - Mulheres negras e feminismo. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

HUGHES, Langston. The Negro Artist and the Racial Mountain. **The Nation Magazine**, New York, 1926. The Wiley Blackwell Anthology of African American Literature: Volume 2, First Edition. Published by John Wiley & Sons, 2014.

JEFFERSON, Thomas. **The Declaration of Independence**, 1776.

LUTHER KING Jr., Martin. **I Have a Dream**, 1963. Disponível em: <https://www.blackpast.org/african-american-history/1963-martin-luther-king-jr-i-have-dream/>. Acesso em: 29 jan. 2023.

LORDE, Audre. The Transformation of Silence into Language and Action. *In: **Sister outsider**: essays and speeches*. Trumansburg, NY: Crossing Press, 1984. p. 40-44.

MARTINS, Vanessa. Reflexão sobre a escrita epistolar como fonte histórica a partir da contribuição da teoria da literatura. **Revista Língua & Literatura**. Rio Grande do Sul, v. 13, n. 20, p. 61-72, 2011.

MORITZ, Ana Paula. Literatura e interseccionalidade: "A Resposta", de Kathryn Stockett, e os lugares de fala subalternos. **Revista Desigualdade & Diversidade**. Rio de Janeiro, n. 18, p. 55-69, 2020.

VOCÊ É FEMINISTA E NÃO SABE. **O que é feminismo interseccional?** - Djamila Ribeiro. YouTube, 30 ago. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P88Ln07WyAI&t=14s&ab_channel=VOC%C3%8A%C3%89FEMINISTAEN%C3%83OSABE>. Acesso em: 20 jan. 2023.

SAFFIOTI, H.I.B. **O Poder do Macho**. São Paulo: Moderna, 2002.

STEPHENS, Alexander H. Cornerstone, 1861. Disponível em: <https://www.battlefields.org/learn/primary-sources/cornerstone-speech>. Acesso em: 9 jan. 2023.

TED. **The urgency of intersectionality | Kimberlé Crenshaw**. YouTube, 7 dez. 2016. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=akOe5-UsQ2o&ab_channel=TED>. Acesso em: 29 jan. 2023.

WALKER, Alice. Entrevista concedida ao jornal Estado de S. Paulo, fev. 2022. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/cultura/literatura/o-sofrimento-do-mundo-e-mais-do-que-assustador-diz-alice-walker-nos-40-anos-de-a-cor-purpura/>. Acesso em: 9 jan. 2023.

WALKER, Alice. **A Cor Púrpura**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2021.